Os dez discos obrigatórios para entrar de cabeça no **hardcore**

SHOW Bizz

Edição 192 - Ano 16
nº 7 - julho 2001 - R$ 5,00

SÍMBOLO

ISSN 0104-1649

Bossa nova, drogas pesadas e reabilitação num papo revelador com o Stone Temple Pilots

Living Colour
Um dos melhores grupos de hard rock da história volta para ficar

Saiba por que **Max de Castro** é o queridinho do momento **na música pop brasileira**

U2
25 ANOS DE FÉ NO ROCK

O fim dos Raimundos • Orbital • Kyuss • Beach Boys • Falcão

IMPACTO ANIMAL

PRODUZIDO NO PÓLO INDUSTRIAL DE MANAUS CONHEÇA A AMAZÔNIA

COM 2.300 WATTS PMPO (280W RMS), DUPLO DECK AUTO-REVERSE, 5-CD CHANGER, REPRODUÇÃO CD-R/CD-RW, CAIXAS ACÚSTICAS BASS REFLEX DE 3 VIAS E 2 AMPLIFICADORES INDEPENDENTES POR CANAL, O NOVO PANASONIC AK52 TEM TODA A TECNOLOGIA E OS INGREDIENTES PARA SATISFAZER OS MAIS FANÁTICOS POR SOM.

Super Woofer Bi-Amp

AK52

HEAVY IMPACT

New AK Series

What's New by **Panasonic**

Foto de capa: Angeli

NÚCLEO BASE

BARULHO

4 Raimundos; Sérgio Dias revoltado (agora, sim!)

7 Cabra Cega
Com o cantor Falcão

8 Palco
Festival Bananada

ESTE MÊS

10 U2
Um quarto de século de rock e messianismo

18 Living Colour
O retorno que todo mundo queria

22 Max de Castro
Ele é o artista escolhido do momento

28 Orbital
A dupla que faz música eletrônica e ponto final

30 Stone Temple Pilots
Sobrevivendo, mesmo com as drogas rondando

34 Vulgue Tostoi
Um trio carioca que faz cada coisa a seu tempo

DISCOFAGIA

36 Gabriel O Pensador, Kid Abelha, Mariana Davies

38 10 Mais
Os álbuns fundamentais para se entender o hardcore

40 Minha Coleção
O produtor Dudu Marote mostra seu acervo

42 Discoteca Básica
Blues For The Red Sun, do Kyuss

44 Democracia
Gianoukas Papoulas, Damm, OAEOZ

46 Responde
Patti Smith, Guano Apes, Ficha do Van Halen

48 Salve Simpatia
Acaba ou não acaba?

50 Detalhes
Brian Wilson e sua guerrinha com os Beatles

Pílulas, boatos, milagres divinos...

O vocalista largou as drogas e agora freqüenta os cultos da seita Sara Nossa Terra

Pervertido conv

Ou a 41ª trapalhada do rock nacional: Rodolfo vira evangélico e decr

Acabou. A banda brasileira de rock mais importante dos anos 90 (e que se mantinha no trono neste começo de século) sucumbiu à saída de seu vocalista e letrista. Digão, Fred e Canisso não cogitam tocar o Raimundos sem a participação de Rodolfo, que alegou "motivos pessoais".

A real razão do desertor parece que tem a ver com sua evangelização. Desde janeiro deste ano, Rodolfo semanalmente freqüenta os cultos religiosos da seita Sara Nossa Terra. Incentivado pela noiva, o músico entrou de cabeça no cristianismo, o que o fez abandonar antigos vícios como o cigarro, a bebida e a maconha.

O leitor, que conhece bem a música do Raimundos e fez com que a banda ganhasse vários prêmios durante os últimos anos, ainda não deve estar acreditando. Rodolfo nunca expressou um tiquinho que fosse de espiritualidade em suas composições. Pelo contrário: o que prevalecia era o deboche, a sacanagem, o linguajar de calão. Muitas vezes, de forma exagerada (uma ouvida em *Lavô Tá Novo* de cabo a rabo diz tudo). Mas, provavelmente, foi esse extremo que levou o ídolo de milhares de adolescentes à Igreja.

O grupo vivia seu ápice de popularidade. Comemorava o lançamento do DVD com imagens do show que rendeu o duas vezes platinado *MTV Ao Vivo*. Dois dias antes do anúncio do término das atividades, BIZZ conversou com o vocalista sobre a entrada do Raimundos numa nova mídia eletrônica, e ele respondeu a tudo – inclusive a perguntas referentes a um novo disco, que estava previsto para novembro – sem deixar nenhuma brecha. "Somos chiques agora. Não tenho aparelho em casa, mas DVD é massa", disse. Já o baterista Fred respondeu às questões de forma bem desanimada, usando como desculpa para o baixo-astral o "estresse do fim da turnê".

Quem assume o posto deixado por eles? O que farão Canisso, Digão e Fred? Existe alguma possibilidade de retorno? E os dois discos inéditos que o contrato com a Warner previa? Indagações que o

"Deus me salvou da morte e me libertou de muitas coisas ruins. Eu usava drogas desde os 13 anos, hoje tenho 28. Ou seja, passei mais da metade da minha vida doidão."

"Eu estava me afogando numa maré de problemas e não conseguia mais ver saída. Estava na lama mesmo. Jesus Cristo me salvou. (...) Posso dizer que teve até milagre."

"A maioria das pessoas tem uma cabecinha pequena e vê crente como alguém que não vive neste mundo. E realmente os crentes não são deste mundo aqui, porque este aqui está entregue ao diabo."

Rodolfo Abrantes, em entrevista para a revista *Capricho*.

Rui Mendes

ertido

o fim do Raimundos

tempo responderá. O que é certo é que a banda que revolucionou (para o bem ou para o mal) o rock nacional na década passada não prossegue sem seu cantor.

O Raimundos foi o responsável pela popularização do hardcore no Brasil, estilo que é underground no mundo inteiro, mas que hoje é consumido feito chiclete por aqui, entre pagodes e axés. Você lembra de alguma batida tão veloz quanto a da versão de "Vinte Poucos Anos" rolando em FM convencional ou no programa da Xuxa há uns sete, oito anos? Não tinha, assim como não tem no universo pop de nenhum país. Isso, fora a mistura com forró, a irreverência, os clipes engraçados... Nome na história assegurado.

Rui Mendes

Marcelo Fromer (1961-2001)

Prestamos a última homenagem ao guitarrista do Titãs Marcelo Fromer, que, aos 39 anos, morreu vítima de um atropelamento na cidade de São Paulo no dia 11 de junho. A foto ao lado foi tirada em 1999 pelo fotógrafo Rui Mendes, que clicou Marcelo e sua banda diversas vezes para BIZZ. Ele estava trabalhando no disco novo do Titãs e escrevendo a biografia do jogador Casagrande.

Linda, loura... e canta!

Ela não tem o jeitinho menina-moça de Britney Spears, nem faz parte de um grupo de power-girls, como as All Saints. Aos 27 anos, a cantora americana Anastacia não se encaixa nas categorias da indústria da música. Por isso mesmo, bateu 3,5 milhões de cópias vendidas do primeiro CD, *Not That Kind*, lançado no ano passado. Seu segredo é o vozeirão, que a leva do soul ao pop com invejável facilidade e que já lhe rendeu comparações com a diva Tina Turner. "Como eu disse na minha música, não sou como as outras meninas, até porque não sou mais menina. Confesso que tentei mudar meu estilo, minha voz, para agradar aos produtores, mas não soava bem. Então, era dispensada. Estou na luta há dez anos e já estava descontando ajuda-desemprego e cantando em casamentos quando uma empresária conhecida me ligou e pediu para eu tentar a última vez", lembra Anastacia. A loura entrou em um desses programas caça-talentos da televisão e, apesar de ter ficado em segundo lugar, recebeu telefonemas de todas as gravadoras, tendo até uma conversa de meia hora com o enluvado Michael Jackson. Dali, foi um pulo para gravar três singles e o CD. Também foi convidada para fazer dois duos, um com Elton Jonh e outro com Pavaroti, ambos com músicas de sua autoria. É, ela também é compositora.

Mas engana-se quem pensa que só porque a moça canta e escreve está desprovida de atributos estéticos. Com 1,55 metro de altura e 50 quilos malhados (ela também é dançarina), Anastacia nada deve à beleza. "Eu não me importo com essas coisas. Além das portas fechadas que recebi, tenho uma doença rara, Chrons, que não me permite ter o pique de Rick Martin. Mas vou quase lá". Para contrapor a cicatriz de 15 centímetros no abdome, resultado de uma cirurgia, fez nas costas a tatuagem de um símbolo egípcio, que significa vida eterna. Com a voz que tem, talvez ela sobreviva à volatilidade da indústria da música.

Roberta Paixão

A cantora, que não dispensa os óculos moderninhos

Divulgação

Sérgio Dias: uma voz revoltada

Alexandre Sant'Anna

Mutante e iràdo

Revolução, rebeldia e inconformismo são (segundo ele mesmo) substantivos inerentes à volta de **Sérgio Dias** ao cenário musical. Investindo em composições em inglês e português, *Estação Da Luz* (Lotus Records) seu novo CD, é o primeiro gravado no Brasil em muitos anos e inaugura o seu próprio selo. "Não fiz um disco. O que está registrado no CD é minha trilha sonora interna, minha reflexão ao ver minha filha de 17 anos e os amigos dela crescendo no estado de total devastação intelectual, cultural e política em que se encontra o país atualmente", argumenta o ex-guitarrista dos Mutantes. "O destino musical da nação, o que vai ser 'sucesso' ou não, é decidido por burocratas. Isso não me afeta diretamente, mas é inadmissível que justamente a indústria musical seja o maior inimigo do músico", vocifera. "A juventude está sem identidade, sem ídolos. A música perdeu a atitude. Esse disco é para quem não está contente com o atual estado de coisas." Ao contrário do irmão Arnaldo e de Rita Lee, Sérgio fala sobre um possível revival dos Mutantes sem pisar em ovos. "Não há impedimentos. Fala-se muita abobrinha, mas nunca existiu nada de irreconciliável. Problemas até os Beatles tiveram." Qual é, afinal, o maior legado mutante? "O insucesso. Sempre vendemos pouco, não tocávamos nas rádios e não ganhamos disco de ouro. Para mim, isso é a glória suprema!" O guitarrista, que sai em turnê nacional, brindará quem for aos shows de *Estação Da Luz* com "El Justiciero", "Jardim Elétrico" e "Ando Meio Desligado", entre outros clássicos de sua ex-banda.

Carlos Eduardo Oliveira

Que raios é pós-rock?

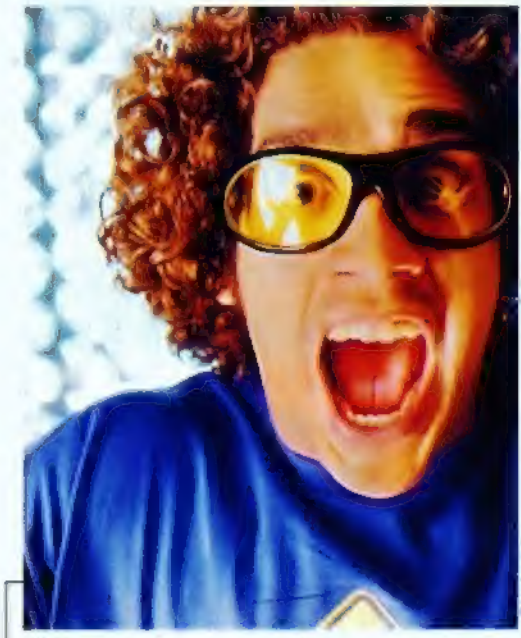
De uns anos para cá, a classificação pós-rock vem aglutinando os grupos que procuram fugir de formatos mais tradicionais. Leia-se composições sem apelo pop, sem refrãos ou até mesmo sem melodias. Os arranjos também são bastante diferentes, trazendo texturas e timbragens quase sempre mais sofisticadas, com instrumentos não muito usuais no rock. Alguns representantes dessa tendência já tiveram ou terão em discos lançados no Brasil (Mogwai, Trans AM e Couch pela Trama; Tortoise pela Motor Music), mas a maioria ainda continua inédita no país. Conheça alguns "pós-roqueiros" na tabela abaixo.

Abonico R. Smith

Divulgação

Divulgação

Quem	Onde	Quando	Por quê
Mogwai	Glasgow (Escócia)	1996	Indie rock + space rock + Slint + Talk Talk + Sonic Youth
Mouse On Mars	Düsseldorf (Alemanha)	1993	Krautrock + jazz + trip-hop + rock + tecno + death metal + swing + industrial + dub + ambient + Kraftwerk
Trans AM	Washington (EUA)	1990	Krautrock + indie rock + progressivo + ambient + New Order + Sonic Youth + Kraftwerk
Tortoise	Chicago (EUA)	1990	Krautrock + minimalismo clássico + space rock + ambient + progressivo + dub + eletrônico + trilhas sonoras
Flying Saucer Attack	Bristol (Inglaterra)	1993	Krautrock + space rock + indie rock + pop + ambient
The Sea And Cake	Chicago (EUA)	1993	Krautrock + indie rock + jazz + pop + blue eyed soul
Slint	Louisville (EUA)	1987	Indie rock + progressivo
Couch	Munique (Alemanha)	1993	Krautrock + indie rock
To Rococo Rot	Berlim (Alemanha)	1994	Krautrock + eletrônico



Divulgação

"Se você perguntar para o Paul McCartney se ele enjoou de 'Yesterday', é claro que ele vai dizer que não."

Sideral (ex-Wilson), durante entrevista a BIZZ, respondendo humildemente à pergunta: "E você, não está enjoado de 'Fácil', música que compôs para o Jota Quest" e tocou à exaustão?

"Eu só enjôo de as pessoas ouvirem meu disco achando que vão encontrar um Jota Quest nele."

Idem.

Duas faces de uma lenda

O nome Dean Wareham pode não significar nada à massa consumidora de sucessos radiofônicos, mas dentro do mundinho do rock alternativo, ele é e sempre foi grande – desde que, no meio da década de 80, montou o Galaxie 500, banda clássica entre os fãs de melodias menos comerciais. Seu segundo projeto, o **Luna**, começou em 1992, com composições mais encorpadas e prazer de tocar ao vivo. Este ano, o neozelandês que construiu carreira em Nova York falou pela primeira vez com a imprensa brasileira, depois de ter toda a obra de seu Galaxie 500 e o último álbum de estúdio de sua atual banda lançados no Brasil.

Para você, o que mudou do Galaxie 500 para o Luna?
Todos os integrantes, menos eu *(risos)*. Bem, não acho que meu jeito de tocar guitarra esteja muito diferente, mas minha voz, um pouco. Continuo compondo para mim mesmo. Mas acho que o Luna está ótimo hoje, não sinto nenhuma falta do Galaxie 500.

No último álbum, *The Days Of Our Nights*, vocês gravaram "Sweet Child O' Mine" (Guns N' Roses) e "Neon Lights" (Kraftwerk). Algum motivo especial?
Conferi Kraftwerk ao vivo e foi uma das coisas mais lindas que já vi na vida. Sobre a música do Guns N' Roses, apenas gosto dela, não sou fã da banda. Ouvi um rumor que eles compraram "Sweet Child..." de um cara que mora na Flórida. Era uma história bem estranha, daquelas que você ouve do amigo do amigo de uma amiga, mas sei que essas merdas acontecem. De qualquer forma, é uma bela cover. Ficou melhor que a da Sheryl Crow, não?

O disco ao vivo, *Luna Live*, saiu há pouco. Isso significa que o próximo trabalho de estúdio vai demorar?
Não. Já estamos trabalhando no novo álbum, que deve ficar pronto em outubro.
Fabiana Batistela

Divulgação

Dean desconfia que "Sweet Child O'Mine" seja de Axl Rose

A gente bota um som, eles falam o que acham do negócio

CABRACEGA

Falcão

Cearense, arquiteto, cantor. Figuraça. Falcão é daqueles que perde o amigo, mas não perde a piada. É impossível conversar com ele sem dar boas risadas. Neste Cabra Cega, mostrou-se fã do rock dos anos 70 – "Pink Floyd é uma das cinco melhores bandas de todos os tempos" – e profundamente desgostoso com o funk carioca: "Você tem o Racionais e o Pavilhão 9, que fazem uma música muito mais importante para a sociedade brasileira, pisando na ferida mesmo, e a mídia nem liga para os caras, vem com esse negócio de tapinha não dói".

"Rock'N'Raul", Caetano Veloso "Deve ser coisa do Hermeto Paschoal, apertando uns gatos para eles miarem. *(Entra a voz)* Ah! É Caetano. Ouvi essa música no Jô Soares. Não sei o nome não, mas sei que é uma homenagem a Raul."

"Tom Courtenay", Yo La Tengo "Que diabo é isso? Gosto da levada. Lembra alguma coisa do fim dos anos 70. Talvez do início do Pink Floyd. É o quê? Yo La Tengo? Acho legal essa guitarra."

"Sr. Promotor", Bidê Ou Balde "Deve ser essas bandas neo-jovem guarda que estão aparecendo por aí. Parece música dos Raimundos, mas não é, tem uma mulher no meio... Acho legal esse tipo de rock, embora não seja novidade nenhuma."

"Another Brick In The Wall (Part 2)", Pink Floyd "*(Na hora)* Ah! Isso aí é Pink Floyd. Eu gosto desse disco todo. Mas tenho uma reclamação desses caras: não me deixaram gravar a versão dessa música ('Atirei o pau no gato/mas o gato não morreu'...) A minha versão é muito melhor. Acho que eles perderam uma grande chance de popularizar o Pink Floyd *(risos)*."

"Everything In Its Right Place", Radiohead "Eta, diabo! Será que é o Tom Zé fazendo alguma coisa? Dá para notar que ele tem a preocupação de descobrir. Ele não está interessado em fazer melodiazinha para botar boi para dormir. Rapaz, estou tentando ver se vai partir para outro caminho. A todo momento tenho a impressão de que vai entrar bateria, mudar a levada. Mas acho que não vai, não. Gostei."

"Sepulnation", Sepultura "Esse é daqueles bateristas que quebram cinco ou seis baquetas na primeira música. *(Entra a voz)* Esse tipo de som eu curto. É a coisa visceral do rock. O cara que está cantando tem amor pela camisa, joga para o time. *(Revelado o segredo)* Eu ia dizer que tinha alguma coisa de brasileiro aí. Gosto do Sepultura pela postura deles: são autênticos."

"Popozuda Do Planeta", SD Boyz "Essas músicas funk não só são iguais – todas as batidas e melodias – como os caras se apropriaram de umas frases, por exemplo: 'Só tem popozuda', todos eles falam; 'tá dominado', todo mundo fala, então ninguém sabe quem é quem. E eu prefiro continuar sem saber. É o sublixo americano que chegou aqui."

"Orgia", Paulo Miklos "*(Ouve a voz)* Quem é esse cara? É bom, mas não estou reconhecendo. Tem hora que lembra Luís Melodia, tem hora que lembra Cássia Eller. Esse som me deu uma saudade da banda O Terço. A letra é boa. Não sei quem é, mas é muito bom cantor. *(Depois de saber)* Só podia ser um cara com experiência. Muito bom."

"Sunset (Bird Of Prey)", Fatboy Slim "O que é isso? O cara não decide se é tecno, se é rock. *(Depois de 2 minutos)* Não é minha praia. Não gosto de música eletrônica. A mim, não passa emoção nenhuma. Tinha algumas coisas do Kraftwerk... Mas eu nunca fui muito a favor de substituir a emoção do músico por um negócio de computador."

"Good Night", Beatles "Parece música new age, a Enya... Reginaldo Rossi se cantasse isso aí ficaria lindo. É Agnaldo Timóteo*(risos)*? O arranjo me lembra música de cinema americano, aqueles musicais grandiosos, tipo *O Mágico de Oz*. *(Depois de saber)* Sou fã dos Beatles, mas não estava reconhecendo a voz. Nunca ouvi o *Álbum Branco* inteiro."
Guilherme A. Hungria

Rui Mendes

"Gosto do Sepultura pela postura deles"

Como **armar** uma **festa** do c***!

Festival Bananada
Garage Café – Goiânia, 18, 19, 20/5

Requisito número 1: muita força de vontade. Algo que só o amor ao rock pode trazer. Sem disposição para ir atrás de patrocinadores, cuidar de todos os detalhes técnicos, "filipetar" pela cidade, convencer a imprensa, assessorar todas as bandas, enfrentar burocracia e lidar com imprevistos e um ou outro pentelho que vai querer fazer tudo parecer mais difícil, desista. Organizar um festival independente de rock não é tarefa simples, mas pode ser feito em qualquer lugar do Brasil. Quer dois bons exemplos? Goiânia Noise e Bananada, que acontecem na capital de Goiás uma vez por ano graças ao pessoal do selo Monstro Discos. A terceira edição deste último aconteceu no Garage Café, um lugar pequeno, mas com palco, som e iluminação de fazer inveja a qualquer bar de São Paulo.

Requisito número 2: uma boa programação. Caprichar na escolha das bandas é fundamental, principalmente se o evento for acontecer numa cidade grande, onde a vida noturna oferece muitas outras opções de diversão para o público do rock, o que não acontece em Goiânia. Mesmo assim, o Bananada surpreendeu com 18 ótimas atrações de várias partes do Brasil e duas internacionais. Lotou a casa de shows durante os três dias, o que representa mais de 1.500 roqueiros de todos os estilos, do fã de pós-rock àquele que exibia sua camiseta do Metallica com orgulho.

Como de costume, cerca de 30% da seleção foi reservada às bandas locais, ou às que fazem parte do catálogo da Monstro. Já conhecidas na cidade, possuem um razoável número de fãs e ajudam a cultivar o sentimento de orgulho pela produção rock regional. E os goianos têm realmente do que se orgulhar. É da casa um dos grupos mais alucinantes do underground brasileiro, o MQN. Liderado pelo vocalista Fabrício Nobre – também um dos organizadores do evento –, o quarteto se apresentou sob luzes e trajes vermelhos, transformando o palco do Garage num pedacinho do inferno. Mechanics é outro nome de peso da cena

1-2-4-6-7-11/Leo Iran – 3-5/Raul Krebs – 8-9-10/ Emerson Maia /Divulgação

Will driblou a gripe para cantar no seu Wonkavision (1) Guitarrista do Man... Or Astroman? em momento endiabrado (2) O catarinense Diógenes, do grupo Low Tech All Stars, confraterniza com a paulista Vanessa Krongold, do Maybees (3) O barulho do Trans AM agradou aos goianos (4) No hotel em que ficaram hospedados, integrantes de várias bandas brincam de Beatles (5) Frank Jorge tocou o quanto quis (6) Os locais do MQN e sua conhecida performance stoner rock (7) O grupo que canta em inglês porque não quer que o público entenda tudo: Mechanics (8) Bell, o gaúcho boa-praça da Irmãos Rocha!, cata as notas em seu baixo de metaleiro (9) Naipe de metais do Bois De Gerião (10) Coco, do Man... Or Astroman?, que encerrou o evento (11)

local. O show foi curto – durou metade dos 30 minutos a que as bandas tinham direito –, pois o baterista estava com o joelho direito machucado. "A gente se mata para organizar essa porra e, quando chega na melhor parte, o baterista tá coxo", esbravejou o vocalista Márcio Júnior, que também ajuda a fazer o festival acontecer, antes de cantar o próximo petardo de muletas em homenagem ao amigo machucado.

Na hora de escolher bandas de outros estados, nomes em destaque na mídia acrescentam muito, dando credibilidade ao evento e atiçando a curiosidade. Geralmente, elas podem concordar em tocar em troca de transporte e hospedagem, ou, às vezes, apenas de cerveja. Claro, passa longe de ser o ideal, mas a falta de suporte financeiro pode não deixar outra opção. É um dos momentos em que um patrocinador (ou vários) se faz necessário. Se não conseguir fazer uso da Lei de Incentivo Fiscal do governo de seu estado, o jeito é sair batendo de porta em porta e tentar convencer pequenos ou médios empresários a investir no projeto em troca da divulgação de sua marca. O Bananada contou com oito patrocinadores que, juntos, investiram pouco mais de 1.500 reais. O resto foi pago pela bilheteria. O ingresso da sexta e do sábado custavam 10 reais cada um. O de domingo, por causa das atrações gringas, 15.

Os três dias trouxeram nomes respeitados do rock independente nacional. Frank Jorge, sem dúvida, dominou a noite de sexta. Logo após ter dado uma palhinha no show dos paulistanos do Momento 68, subiu ao palco com sua banda para uma das melhores apresentações do festival. Meia hora de baladas de seu elogiadíssimo álbum-solo e canções de sua ex-banda, a cultuada Graforréia Xilarmônica. A platéia esgoelou-se pedindo mais e a organização mandou: "Toque o quanto quiser". O gaúcho obedeceu com "(Vou Largar A Jovem Guarda) E Serei Mais Feliz" novamente e "A Empregada".

Digno de bis também foi a performance de outros paulistanos. O Maybees apresentou um repertório com mais guitarras e peso, dando boas-vindas ao novo baterista, Vlad. Além disso, cover de "5ª Embalada", da Video Hits e, pela primeira vez, uma música em português, de deixar qualquer um ansioso pelo próximo trabalho.

O Relespública se manteve firme após duas horas de som e fechou a segunda noite com "Rock'N'Roll All Night", do Kiss, chamando parte dos espectadores que ainda resistiam na pista para o palco.

Dois novatos de Porto Alegre surpreenderam. Primeiro, o rock regressivo dos Irmãos Rocha! divertiu a todos num show corrido e bem-humorado. Foram 18 tosqueiras, próprias ou não, em 30 minutos. No dia seguinte, domingo, o Wonkavision convenceu com seu power pop em português. Mesmo com o vocalista gripado, não faltou energia e graça na apresentação do quarteto dos pampas.

Meio deslocados ficaram os gringos. Depois de terem se apresentado em algumas cidades do Sul e Sudeste, Tram Am e Man... Or Astroman? subiram para Goiás e encerraram o Bananada de 2001. Os primeiros, sem muito esforço, deixaram a platéia atônita a maior parte do tempo. Uns se descabelavam, outros babavam na frente do trio. Já o Man... Or Astroman? se esforçou muito, mas pouco conseguiu mexer a massa que se expremia curiosa na pista. A impressão que dava era a de que, mesmo sem pique, ninguém queria perder um momento de algo sempre raro em Goiânia: shows de bandas internacionais.

E então, aprendeu como se faz? O terceiro requisito para que festas como essa continuem rolando é justamente este: informação. Procurar saber mais sobre o que acontece longe do mundo das grandes gravadoras pode proporcionar fortes emoções, curtindo um som em casa ou pulando com os amigos na frente de um pequeno palco.

Fabiana Batistela

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

london calling
A mais completa em novidades e raridades.
Os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Rock-Pop dos 60 a 2001
ENVIAMOS PARA TODO O PAÍS
CDs - DVDs - VHS
(0xx11) 223-5300
VENDAS PELO SITE
www.londoncalling.com.br
Rua 24 de Maio, 116 , Sobreloja 15 - São Paulo - SP
londoncalling@londoncalling.com.br

Retna

Canções históricas, reinvenções, turnês megalomaníacas e engajamento social. Isso é U2. Uma banda de rock que fez de tudo. Sempre na crista da onda

25 AN

Fotos: Divulgação

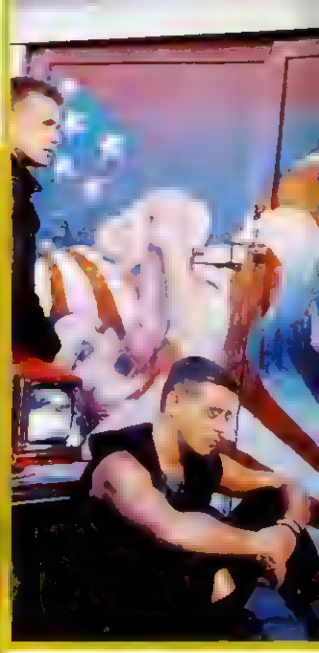
Por Celso Pucci

Deve ser difícil crescer em um convívio católico em plena Dublin, capital da Irlanda do Norte. Afinal, o país tem longa história de dominação britânica e, por conseqüência, do protestantismo, com o devido culto às opções individuais de moral e ao pragmatismo religioso. Bem diferente da tradição católica, com sua alegoria de imagens santificadas e preceitos baseados na caridade e no amor ao próximo. Sendo assim, houve no país uma perseguição perene ao catolicismo, que, enquanto em outras partes do mundo sempre foi usado como um alicerce do sistema vigente, na Irlanda adquiriu conotações quase subversivas.

Foi com esse estigma que o jovem Paul Hewson passou a adolescência estudando na Mount Temple High School, uma grata exceção ao rígido sistema educacional irlandês. Um ex-delinqüente convertido ao catolicismo, fissurado em música e tendo como preferência o punk rock nova-iorquino, Paul passou por várias bandas amadoras até se reunir a um amigo que era baterista – Larry Mullen Jr. – com a intenção de formar um grupo fixo. Para tanto, chamaram dois colegas que tinham vindo da Inglaterra: David Evans e Adam Clayton, que tocavam guitarra e baixo, respectivamente. Nessa época (1976), Hewson e Evans também participavam de um clube imaginário chamado Lypton Village, junto de alguns amigos que depois formariam a banda new wave The Virgin Prunes. A partir daí, Hewson se transformou em Bono

O quarteto em duas épocas bem distintas Na foto preto-e-branco, a inocência do começo da carreira. Na principal, a serenidade do grupo que conseguiu reencontrar o antigo som no album *All That You Can't Leave Behind*, de 2000

DSPOP



Assim que a calvície começou a chamar atenção, The Edge (*o de cima*) passou a usar chapéu para escondê la

Vox (que era o nome de uma loja de aparelhos para surdez) e Evans ganhou o apelido The Edge (algo como "o fio da lâmina", pela esperteza e malandragem).

A princípio, o grupo se chamou Feedback e The Hype. Mas a denominação definitiva viria através do amigo Steve Averrill, da banda punk The Radiators From Space, que sugeriu U2 (um trocadilho entre o nome de um bombardeio americano usado na Segunda Guerra Mundial e a expressão "você também", em inglês). Já como quarteto, o repertório inicial era apenas de covers (a maioria de Beatles e Stones), mas logo a banda começou a compor. Estrearam com um show no próprio colégio que freqüentavam, que os credenciou a tocar em um circuito cada vez maior de pubs e os levou a entrar em estúdio pela primeira vez.

Um som melodioso, mas sem firulas nem espaço para solos. Era o U2 do primeiro compacto

"Não vejo a vida como uma estrada tranqüila; é uma batalha sobreviver no meio musical quando se tem apenas 19 anos." A frase de Bono Vox refletia bem as dificuldades pelas quais uma banda iniciante de Dublin teria de passar. No caso do U2, foram felizes por logo encontrar Paul McGuiness, que chapou com o potencial deles e decidiu tornar-se o *manager* do grupo em tempo integral.

Foi McGuiness que acertou com a CBS a gravação de dois singles que, apesar de terem uma tiragem de apenas mil cópias cada, projetaram o nome da banda de forma definitiva no circuito alternativo e levaram o U2 a assinar um contrato com a Island. Seu primeiro projeto pela nova gravadora foi o soturno single "11 O'Clock Tick Tock"/"Touch", curiosamente produzido por Martin Hannett, que trabalhava com o Joy Division. Mas a explosão se daria mesmo com a associação da banda com Steve Lillywhite (que tinha experiência de produção com Siouxsie And The Banshees e Ultravox), que ajudou bastante a forjar a musicalidade do U2 na fase inicial. Do estúdio Windmill Lane em Dublin, eles saíram em outubro de 1980 com o notável álbum de estréia.

Um som melodioso, mas sem firulas nem espaços para solos, conduzido por um instrumental mínimo. A cozinha pulsante e coesa de Clayton e Mullen forneciam a base perfeita para os riffs descarnados de The Edge (caracterizados pela repetição de frases extremamente simples) e as digressões vocais de Bono. Este, por sua vez, colocava nas letras uma emotividade e esperança que contrastavam de modo radical com a índole autodestrutiva e o niilismo herdados do punk. Tanto que dois dos maiores hits de *Boy* – "I Will Follow" e "Out Of Control" – traziam versos dedicados à mãe do cantor, que morreu quando ele tinha 14 anos.

Em março de 1981, eles iniciaram uma bem-sucedida turnê americana, com três meses de uma série frenética de shows, interrompida somente durante dez dias para a gravação de seu single seguinte, "Fire", nas Bahamas. De volta a Dublin, dedicaram-se ao segundo álbum com sérias divergências internas. Isso porque o agnóstico Adam entrou em conflito com o restante da banda, pois Bono, The Edge e Larry quiseram reafirmar sua religiosidade entrando para uma seita cristã local chamada Shalom, devoção que fez o trio ficar em dúvida se continuar com o grupo poderia entrar em choque com sua fé católica. Nesse clima tenso, foi registrado um álbum de recolhimento espiritual e de limitada criatividade, onde canções como "Gloria" e "Tomorrow" tentavam ser descendentes diretas da musicalidade de Boy. Com a preciosa assessoria de McGuiness, acertaram os ponteiros com Clayton e saíram excursionando durante a maior parte de 1982 e, só no fim do ano, editaram o single "A Celebration", que prenunciava outra reviravolta na carreira do grupo.

Isso ocorreu quando eles resolveram ter um olhar crítico em relação ao mundo exterior para conceber o álbum seguinte.

As excursões pelos Estados Unidos foram acontecendo e a banda começou a se interessar pela cultura do país, o que rendeu ótimas canções

E o que mais viram foi violência: a constante ameaça de uma guerra nuclear, o conflito entre Inglaterra e Argentina nas Ilhas Malvinas, a presença bélica dos Estados Unidos na América Central, os combates sangrentos no Oriente Médio... Era a tônica para eles criarem *War*, um disco de protesto e resistência a toda essa carnificina. A intenção do terceiro álbum do U2 já se tornava clara nos seus dois maiores sucessos: "New Year's Day" (dedicado ao movimento sindical polonês Solidariedade) e "Sunday, Bloody Sunday" (inspirado em dois eventos onde civis irlandeses tinham sido abatidos por soldados ingleses: um jogo de futebol em Dublin, em 1920, e uma manifestação nas ruas de Derry, em 1972). A rentável excursão que sucedeu o disco gerou o miniálbum gravado ao vivo, *Under A Blood Red Sky*.

Encerrada essa primeira fase do grupo, os caras acharam que era hora de ampliar seus horizontes sonoros, para isso contando com os préstimos de McGuinness, que renovou o contrato com a Island, com grandes vantagens financeiras e liberdade artística inaudita. Assim, o U2 ficou à vontade para procurar outro produtor para renovar sua própria sonoridade. A escolha primordial foi Brian Eno, o "não-músico", experimentalista, cujas ambiências em estúdio tinham seduzido nomes tão diversos como Roxy Music, Robert Fripp e Talking Heads,

DISCOGRAFIA
OS PRINCIPAIS TRABALHOS DO QUARTETO

1980

BOY Um álbum praticamente conceitual, a respeito de paixões, alegrias e desventuras que delineavam a existência humana, da infância à idade adulta, através de faixas como "I Will Follow", "Twilight" e "Stories For The Boys". A capa (um garoto de torso nu, com um semblante de pura inocência) levou as más línguas a aventar traços de homossexualismo e pedofilia, fazendo a foto [illegible] por uma do grupo na edição americana.

1981

OCTOBER O mais religioso dos discos do U2, onde até os bons momentos – em músicas como "Gloria", "I Fall Down", "I Threw A Brick Through A Window" e "Fire" – não conseguiram compensar a auto-indulgência e ladainhas que permeavam grande parte das faixas restantes. Nem mesmo o fato de The Edge se arriscar como pianista em algumas passagens trouxe maior interesse.

1983

WAR O mesmo [illegible] álbum de estréia aparece na capa em pose semelhante. Só que, em vez de inocência no rosto, ele tem os olhos arregalados, os lábios apertados e as mãos na cabeça, como um soldado prestes a se render. O U2 expunha suas inquietações políticas e preocupações sociais, tópicos também expressos no conteúdo sonoro agressivo de seus hits, que tinham suas contrapontos em canções como a quase dançante "Two Hearts Beating As One" e a melancólica "Surrender".

1983

UNDER A BLOOD RED SKY – EP Planejado como um disco e um vídeo ao vivo no anfiteatro de Red Rocks, no Colorado, o projeto acabou se convertendo em um miniálbum com apenas duas canções registradas no local: "Gloria" e "Party Girl" (também conhecida como "Trash, Trampoline And The Party Girl", que só tinha aparecido anteriormente no B-side do compacto *A Celebration*). Nota: apesar da rata de execução que The Edge cometeu nesta última, a versão foi mantida no disco. As outras faixas foram de shows feitos em Boston e na Alemanha.

1984

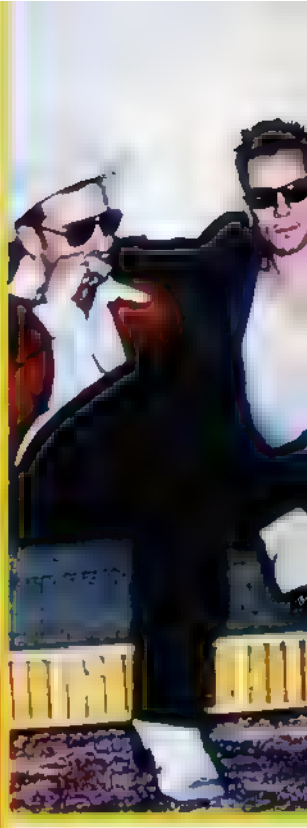
THE UNFORGETTABLE FIRE Sem dúvida, "Pride (In The Name Of Love)" foi a faixa mais destacada do disco, que contava com outro tributo ao defensor dos direitos humanos Martin Luther King, "MLK". Mas haviam mais pontos altos, sempre ressaltados pelas nuances de timbres obtidas pela dupla Brian Eno/Daniel Lanois. Como a dobradinha "Wire" e "Bad" (ambas dedicadas a dois amigos viciados de Bono em Dublin, que se acabaram do consumo massivo de heroína), sem contar a delicadeza de "Promenade" e do número instrumental "4th Of July".

1985

WIDE AWAKE IN AMERICA – EP Como o nome indica, de conotações totalmente americanas – traz duas faixas gravadas ao vivo: "A Sort Of Homecoming" e uma versão de oito minutos para "Bad", além de apresentar mais dois *outtakes* do álbum, que haviam saído só em compacto: "Three Sunrises" e "Love Comes Tumbling".

1985

THE JOSHUA TREE O primeiro megahit do grupo, que o levou ao topo das paradas americanas e inglesas (bem como as de outras partes do mundo). Fora o sucesso massivo de canções famigeradas como "With You Or Without You", "I Still Haven't Found What I'm Looking For" e "Where The Streets Have No Name", havia espaço para outros temas [illegible] delírios de um personagem se aproximando dos limites da loucura ("Exit") até um painel dos rantos e torturas acontecidos na América do Sul ("Mothers Of The Disappeared").



Depois do projeto *Rattle And Hum*, Bono, The Edge, Adam e Larry perceberam que era hora de uma mudança drástica

entre tantos outros. A princípio, Eno não aceitou o convite, em parte por "não se considerar exatamente um fã do grupo", mas concordou em vir a Dublin para conhecê-los. Após o contato e a checagem dos métodos de trabalho deles, topou a empreitada, trazendo consigo o engenheiro de som Daniel Lanois. A dupla se deu muito bem na produção do U2, realçando as raízes celtas da sonoridade do grupo, ao mesmo tempo que modernizava a concepção musical, fazendo que alcançassem pela primeira vez o topo da parada britânica e o Top 40 nos Estados Unidos com "Pride (In The Name Of Love)", dedicada ao líder negro pacifista Martin Luther King Jr.

Depois do lançamento do álbum, o

A Zoo TV entrou para a história como uma das turnês mais fantásticas já realizada

U2 passaria os seis meses seguintes viajando pelo mundo, especialmente pelos Estados Unidos, por onde excursionaram durante quatro meses e foram eleitos pela revista *Rolling Stone* como "a banda dos anos 80". Essa projeção proporcionou a boa acolhida do miniálbum *Wide Awake In America*, na mesma época que o grupo iria se envolver em diversas iniciativas beneficentes. A primeira delas foi o *Live Aid*, um gigantesco evento global em prol das vítimas da fome na Etiópia. O U2 tocou em Wembley e a curta apresentação foi celebrizada quando Bono rompeu as barreiras de segurança para abraçar uma anônima garota da platéia durante a execução de "Bad". Fizeram um intervalo razoável de alguns meses antes de reaparecerem no Self Aid, show realizado em Dublin em benefício dos desempregados irlandeses, onde tocaram com nomes como Van Morrison e Elvis Costello. Daí em diante, a banda concentrou esforços em seu álbum seguinte, que, segundo The Edge, iria ser o "melhor de sua carreira".

O guitarrista não poderia ser mais preciso: produzido novamente por Brian Eno e Daniel Lanois, *The Joshua Tree* foi captar a banda no auge da inspiração. Chegou a ser considerado "um disco americano": desde o título (o nome do vilarejo no deserto da Califórnia onde Gram Parsons foi cremado) até canções que glorificavam ("In God's Country") ou criticavam duramente os Estados Unidos ("Bullet The Blue Sky", sobre a patética política do país em relação à América Central). Mas o mais impressionante era a profusão de hits, encabeçada por "With Or Without You" e "I Still Haven't Found What I'm Looking For". A partir daí, o superestrelato passou a ser uma constante na carreira do grupo.

Essa condição iria se refletir no projeto seguinte, chamado *Rattle And Hum*, um filme e um álbum registrados durante a turnê de *The Joshua Tree*, que novamente retrataria a interação do som do U2 com a cultura americana. Para a parte cinematográfica foi convocado Phil Joanou (que já trabalhara com Steven Spielberg). Ele passou mais de três meses filmando a excursão da banda, dando preferência à parte documental e aos shows, além de ter conseguido alguns achados (como as seqüências na qual a banda visita o lendário estúdio Sun, em Memphis, onde gravou com B.B. King e Bob Dylan). Já o álbum duplo reuniu faixas ao vivo e material inédito (no qual se destacava o hit "Desire"), além das homenagens a Beatles (na versão da barulhenta "Helter Skelter"), John Lennon (em "God Part II") e Billie Holiday ("Angel Of Harlem"). *Rattle And Hum* atingiu o primeiro lugar das paradas americanas e inglesas, mas também foi considerado uma tentativa arrogante de ingressar no panteão do rock'n'roll emulando seus maiores ídolos. Com isso, e temendo uma superexposição na mídia, o U2 se afastou durante a maior parte de 1989. Era hora de dar um tempo.

Durante os quase dois anos nos quais saiu de cena, o U2 tomou certas resoluções: o próximo trabalho não teria mais a influência marcante do som americano, o grupo iria revisitar suas raízes e procuraria uma ponte para o futuro do rock'n'roll. O local escolhido para a empreitada foi Berlim, pois a capital alemã

A entrada na década de 90 foi radical. Do som ao visual, passando pelo discurso, a banda virou outra.

naquele momento parecia sintetizar o espírito de mudança pelo qual eles estavam passando. Lá começaram a gravar no estúdio Hansa, com a produção de Daniel Lanois e a engenharia de som a cargo do britânico Flood, depois mudaram para uma mansão alugada perto da vila costeira de Dalkey, em Dublin. O resultado pôde ser sentido desde o primeiro single, "The Fly", um thrash com vocais modificados e recheado de efeitos de feedback, até "Zoo Station", repleta de ruídos industriais. Mesmo os hits como "Mysterious Ways" e "One" soavam com um toque de estranhamento, o que talvez justificasse o que Bono disse sobre o critério usado pela banda para selecionar as canções para o disco: "Se parecer com U2, não entra". *Achtung Baby* foi um sucesso comercial, tornando-se o terceiro álbum consecutivo da banda a chegar ao topo da Billboard.

Mais surpreendente que o álbum foi a excursão que o sucedeu, a Zoo TV World Tour. Com cenários inspirados no bombardeamento constante de informações a que estamos submetidos pela mídia, a parafernália de palco do grupo então incluía quatro *écrans* gigantescos e um imenso número de monitores que transmitiam sem parar imagens fragmentadas, slogans ("tudo que vocês sabem está errado", "lembrem-se do que sonharam", etc.) e palavras como "sexo", "morte" e "napalm", formando um autêntico caleidoscópio.

1988

RATTLE AND HUM [illegible] com batida calcada em Bo Diddley, surgiam outras faixas emblemáticas neste álbum duplo, com convidados ilustres como B.B. King ("When Love Comes To Town") e Bob Dylan ("Love Rescue Me"), fora as bem acabadas versões ao vivo para "Pride (In The Name Of Love)", "Bullet The Blue Sky" e "Entre" material inédito registrado em estúdio, destacavam-se "All I Want Is You", "Hawkmoon 269" e "Van Diemen's Land".

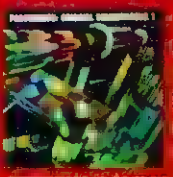
1991

ACHTUNG BABY [illegible] sonoridade, o grupo emplacou sucessos como "One" e "Mysterious Ways", mas também legou climas pesados presentes na mordacidade de "Even Better Than The Real Thing" e nas conotações sexuais de "So Cruel" (escrita em memória do falecido Roy Orbison e dedicada a Alaline, companheira de The Edge durante onze anos e de quem ele acabara de se separar). Sem contar "Until The End Of The World", escrita para a trilha de filme de Wim Wenders, *Até O Fim Do Mundo*.

1993

ZOOROPA Ainda mais profunda do que a renovação musical promovida no álbum anterior, esta feita em Zooropa com o co-produtor Brian Eno em perfeita sintonia com a banda — resultou em um disco único, obeso até em suas [illegible] entre ruídos e sons eletrônicos. As únicas exceções a esta "nova estética", apregoada pelo U2 ficavam por conta de "Stay (Faraway, So Close)" — também na trilha de outro filme de Wenders, Tão Longe, Tão Perto — e da bellíssima "The Wanderer", que fechava o disco na voz de Johnny Cash.

1995



ORIGINAL SOUNDTRACKS 1 (U2 e Brian Eno como Passengers) Depois de muito colaborar na concepção sonora do U2, chegou a vez do quarteto irlandês retribuir e se juntar a Brian Eno para este bizarro projeto do produtor. A idéia foi fazer trilhas sonoras para uma série de filmes inexistentes, terreno em que ele e o grupo se arriscaram utilizando música ambiente e temas [illegible] na maior parte do disco, deixando espaço para o exotismo em uma faixa cantada em japonês ("Ito Okashi") e na mais "popular" delas, "Miss Saravejo", com vocal do tenor Luciano Pavarotti.

1997

POP A proposta principal do álbum era ser dançante, [illegible] para o eletrônico, objetivo que o grupo alcançou na maioria das faixas, escudado pelos experts Howie B e Nellee Hooper, soando surpreendente para a moçada clubber, mas deixando um tanto decepcionados os fãs de longa data. Claro que houve exceções à regra geral, como "Staring At The Sun" (a que mais lhe assemelhava ao som antigo deles), "Last Night On Earth" e a balada "Please". Mas nada chegou perto da produção do U2 em sua fase áurea.

1999

THE BEST OF 1980-1990 (coletânea) A única compilação do U2 disponível reuniu 14 faixas da primeira década de atividades do grupo. A princípio, saiu em edição limitada com um CD-bônus (*B-Sides 1980-1990*), com 15 músicas presentes ao nos singles do período. Depois este disco foi retirado do catálogo e o CD passou a ser simples. "The Sweetest Thing", antes apenas um B-side do compacto "Where The Streets Have No Name", ganhou versão remixada que até virou clipe. Detalhe [illegible] menino que aparecia em Boy e War é quem está na foto da capa.

2000

ALL THAT YOU CAN'T LEAVE BEHIND Entre as 11 canções presentes no disco, a maioria traz a marca das boas criações de Bono & Cia. Além das já manjadas como "Beautiful Day", "In A Little While", "Walk On" e "Elevation", há muito mais a se descobrir. Exemplos disso são a levada country rock de "Wild Honey", o clima urbano-minimalista de "New York" e a pungente balada "[illegible]" que encerra o disco.

O grupo não deixou de flertar com a dance music no meio dos anos 90, quando Bono adotou o casaco com capuz

A Zoo TV Tour se encerrou no final de 1992 e o U2 avisou que ia lançar um EP, mas mal começaram as gravações e outros 12 temas surgiram. Decidiram fazer um álbum integral. Antes de completarem o disco, já iniciaram a Zooropa Tour com um audiovisual mais high-tech que o desenvolvido na excursão anterior. Gravado durante apenas seis semanas em Dublin, com produção a seis mãos, a cargo de Flood, Eno e The Edge, *Zooropa* era um mergulho radical na estética ciberpunk, a começar da faixa-título que abria o trabalho, onde uma base de ruídos sustentava uma sucessão de slogans publicitários, seguindo pelas repetições calculadas de "Numb". Outras ovelhas negras surgiam na levada dançante neurótica de "Lemon" e nos descaminhos do vício da heroína expostos em "Daddy's Gonna Pay For You Crashed Car".

O novo século chegou e fez o U2 voltar ao rock básico. A guitarra de The Edge apareceu de novo

Após atravessar a década de 90 com discos que pouco lembravam o tipo de rock que celebrizara o U2, o grupo parecia ter caído com tudo no som dançante de influências tecno no trabalho seguinte. Chamaram para a produção de *Pop* o velho de guerra Flood e mais dois especialistas no assunto: Howie B e Nellee Hooper. Sob os auspícios do trio, o grupo foi gravar na ensolarada Miami um disco que ia da dance music escancarada ("Discotheque", "Mofo") às incursões pelo trip hop ("The Playboy Mansion"). Uma nova turnê megaproduzida – chamada de Pop Mart, inspirada em um enorme supermercado – foi montada. Além dos fantásticos efeitos luminosos e reminiscências dos dois últimos supershows, chamava a atenção também o telão de 17 por 57 metros (que entrou para o *Guiness Book*), o gigantesco limão de 20 metros de altura e a descarada imitação do logotipo do McDonald's que compunham o novo cenário. Oito meses depois, após passar pelo Brasil em janeiro de 1998, a superexcursão chegaria ao fim e o U2 lançaria a única coletânea de sua carreira: *The Best Of 1980-1990*.

Mais de três anos separaram o lançamento de *Pop* do álbum mais recente, *All That You Can't Leave Behind*. Nesse meio tempo, pouco se comentou sobre o grupo, que segundo boatos, estaria preparando um disco de retorno às suas raízes de rock'n'roll para adentrar o ano 2000. Enquanto isso, Bono co-escrevia o roteiro e produzia *O Hotel de Um Milhão de Dólares*, do cineasta alemão Wim Wenders, além de participar da trilha, individualmente e com o U2.

As expectativas criadas não foram em vão. Retomando a colaboração com a dupla Eno/Lanois (e também com a ajuda de Lillywhite), o U2 saiu com um trabalho como há muito não se ouvia, resgatando parâmetros importantes para a sua musicalidade. Segundo Bono, o primeiro single, "Beautiful Day" soava como "uma banda de rock'n'roll em pleno vôo". Já "Walk On" parecia o tipo de "canção clássica do U2, daquelas com as quais o público se identifica logo de cara", enquanto "In A Little While", com seus riffs stoneanos, representava um "perfeito cruzamento entre o tradicional e o novo". Havia outros achados como o soul gospel "Stuck In A Moment You Can't Get Out Of" e o rock turbinado de "Elevation", música que batizaria a nova turnê. Aqueles que esperavam outra megaprodução para fazer o U2 cair na estrada se enganaram. Comparado com o absurdo aparato tecnológico de excursões anteriores, até que o equipamento da Elevation Tour 2001 (que começou em março) é bem modesto: iluminação psicodélica, painéis com estrelas piscantes e vídeos preto-e-branco da própria banda são a base do aparato. Quem sabe agora, sem toda aquela parafernália mastodôntica, seja bem mais fácil eles passarem com a turnê por aqui...

Stamp Rockwear

CAMISETAS OFICIAIS

ESTAMPAS DE ALTA QUALIDADE

RECEBA PELO CORREIO

PAGUE AO RETIRAR

TEL: 0**11 6979 7344
FAX: 0**11 6979 5456
stamp@uol.com.br
www.stamp.com.br

R$17,00
XG R$ 19,00

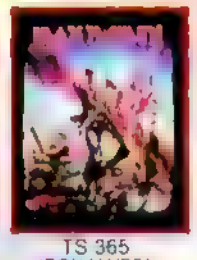
TAMANHOS P M G XG

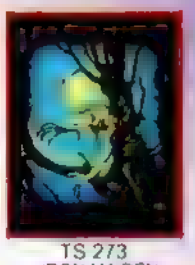
TS 472
IRON MAIDEN

TS 422
IRON MAIDEN

TS 389
IRON MAIDEN

TS 385
IRON MAIDEN

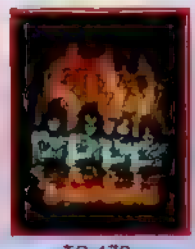

TS 365
IRON MAIDEN


TS 273
IRON MAIDEN

TS 516
KISS

TS 512
KISS

TS 490
KISS


TS 479
KISS

TS 459
KISS

TS 509
OZZY OSBOURNE

TS 505
OZZY OSBOURNE

TS 463
OZZY OSBOURNE

TS 511
BLACK SABBATH

TS 466
BLACK SABBATH

TS 514
BEATLES

TS 510
BEATLES

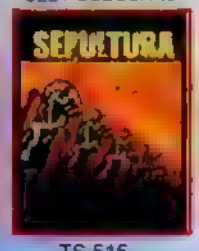
TS 477
BEATLES

TS 468
DOORS

TS 460
DOORS

TS 448
RAMONES

TS 346
RAMONES



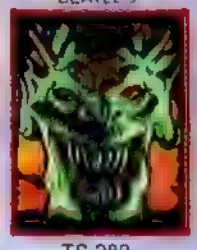
TS 515
SEPULTURA

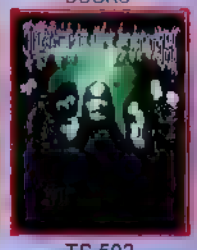
TS 402
SEPULTURA

TS 252
SEPULTURA

TS 431
SLAYER

TS 325
SLAYER


TS 289
SLAYER


TS 502
CRADLE OF FILTH

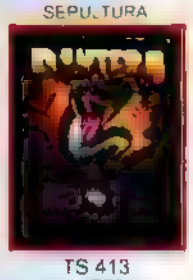
TS 501
CRADLE OF FILTH

TS 500
CRADLE OF FILTH

TS 407
CRADLE OF FILTH

TS 326
LED ZEPPELIN

TS 261
LED ZEPPELIN


TS 413
PANTERA

REGATA FEMININA

TAMANHOS P M G

R$15,00

FEM 027

FEM 026

FEM 025

FEM 024

FEM 019

FEM 003

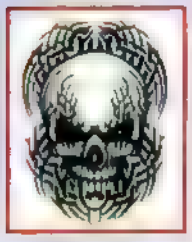
FEM 023

FEM 018

COLEÇÃO SPECTRUM

TAMANHOS P M G XG

R$14,00
XG R$ 16,00

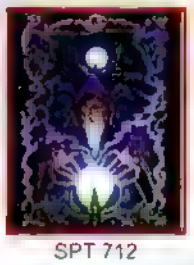

SPT 723

SPT 722

SPT 719

SPT 718

SPT 717


SPT 712

SPT 709

SPT 703

ENVIE O SEU PEDIDO POR CARTA, FAX OU E-MAIL PARA A STAMP:
RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-051 SÃO PAULO,SP

PREENCHA NOME, ENDEREÇO, REFERÊNCIA E TAMANHO.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.

O VALOR VARIA DE ACÔRDO COM O PESO DA MERCADORIA E LOCAL.
ATENÇÃO: O VALOR DO FRETE É O MESMO PARA UMA OU DUAS CAMISETAS.

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

ACEITAMOS TROCA EM CASO DE DEFEITO E TAMANHO.

GRÁTIS NA COMPRA DE CINCO CAMISETAS (QUALQUER MODELO) VOCÊ GANHA UMA À SUA ESCOLHA. NA COMPRA DE DEZ GANHA DUAS.

DESCONTO PARA REVENDEDORES

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME: _____

END: _____

CEP. _____ CID: _____ EST: _____

TEL: _____ ASSINATURA: _____

BIZZ / JULHO / 2001

Um retorno mais do que aprovado

Quem estava reclamando de falta de qualidade no rock pesado pode ficar tranqüilo. O Living Colour voltou e promete fazer a diferença

Por Daniel Oliveira, de Santa Ana, Estados Unidos

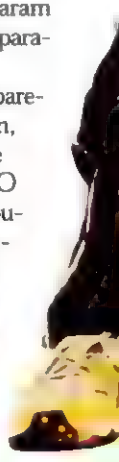
Uma garrafa de vitamina C, um líquido de ervas e alguns produtos irreconhecíveis. Este é o arsenal boa forma de Corey Glover, arrumado cuidadosamente no camarim da banda. Sobre a mesa há também um CD caseiro de Ed Motta (seria pirateado do Napster?) e pratos com saladas. Vestido de preto e azul, o simpático vocalista está sentado para conversar sobre o retorno do Living Colour.

O grupo nova-iorquino – Corey, o guitarrista Vernon Reid, o baixista Doug Wimbish (que substituiu Muzz Skillings da formação original) e o baterista William Calhoun – está reunido após seis anos de ausência. Em algumas horas, tocará no rústico teatro de Santa Ana, cidade a 55 quilômetros de Los Angeles. Centenas de pessoas presenciarão um rock pesado com pitadas de jazz, hip-hop, world music e sons eletrônicos.

Analisando hoje, o fim do Living Colour foi um tanto prematuro. Os discos *Vivid* (1988) e *Time's Up* (1990) haviam estourado mais por talento e originalidade que por campanhas persistentes de marketing. Do metal pulsante de "Cult Of Personality", passando pelo jazz-blues quebrado de "Love Rears Its Ugly Head", ao clima divertido de "Glamour Boys", Corey e seus amigos provaram ao mundo que podiam tocar rock eclético tão bem quanto os brancos. Os brasileiros os receberam de braços abertos no Hollywood Rock de 1992. "Negro tocando hard rock? Só pode sair coisa boa", observou Roberto Frejat, do Barão Vermelho, numa coletiva durante o festival.

Dois anos após o disco *Stain* (1993), que não repetiu o sucesso dos anteriores, o Living Colour se despediu do público. Vernon, membro fundador, enviou um comunicado vago à imprensa: "Não decidi da noite para o dia. Tenho sofrido com a situação. Ponderei o desejo de minha alma por mais de um ano. Finalmente, ficou óbvio que devo desistir da banda". Ele, Corey, Doug e William partiram para projetos individuais. Chegaram até a tocar juntos em bandas paralelas nos anos seguintes.

Nessa noite, Vernon desaparece após a passagem de som, impedindo que possamos lhe indagar sobre sua decisão. O papo com Corey se inicia e ouvimos sua versão sobre a separação. Enquanto isso, roadies e funcionários do teatro circulam no camarim, e o barulho da banda de abertura



O quarteto ainda nao definiu quando saira o album novo mas esta fazendo muitos shows e testando cançoes ineditas

"Ainda somos pesados. Estamos injetando mais tecnologia... Não gosto de rótulos, mas é como se fosse um metal eletrônico" Corey Glover, sobre o estilo atual do seu grupo

Fotos Divulgação

incomoda a gravação da entrevista. O clima é de alto-astral. Enquanto Corey responde às nossas perguntas, Doug entra ocasionalmente no papo. "Esse é o nosso objetivo atual: conversar com pessoas como você e sentir a recepção dos fãs. Queremos averiguar o clima em torno da banda", diz o baixista.

De repente, William entra no camarim. Sua vasta cabeleira o diferencia dos velhos tempos. "Você precisa conversar com Will. Ele é a nossa conexão brasileira", exclama Corey. Doug adiciona, brincando: "Will virou o Mr. Bahia!". O baterista quis organizar shows do Living Colour no Brasil agora em junho. Mas por conflitos de agendamento, a turnê foi adiada para o semestre que vem. Amigo dos sócios da produtora brasileira Sincronia, William esteve no país várias vezes explorando nossa cultura. Ele até gravou um documentário no Recife sobre os ritmos do maracatu. A Sincronia deve lançar o vídeo em breve.

Segundo o baterista, foram os fãs no Brasil que motivaram o retorno da banda. "Encontrei até um policial brasileiro que gostava do Living Colour", diz ele, orgulhoso, relaxando num sofá. Os sócios da Sincronia viram o primeiro show da reunião – organizado em dezembro de 2000, no clube CBGB, de Nova York – e estão conversando com William sobre a turnê brasileira. Ninguém melhor que o baterista para prever os shows, no momento planejados para novembro. "Não serão energéticos no sentido de ficarmos pulando no palco. Mas posso dizer que os brasileiros terão uma banda mais madura. Nada será inferior ao que viram antes."

William está com razão. Hoje à noite, quando ele e seus parceiros entram no palco, tocam de cara a porradíssima "Time's Up". Está claro que o Living Colour está mais preocupado com satisfação musical que acessibilidade comercial. O show é pesado e recheado de improvisos. A musicalidade supera a performance. Vernon se destaca com sua guitarra virtuosa. Numa mistura de Jimi Hendrix, Eddie Van Halen e Yngwie Malmsteen, ele abusa da distorção, crucifica a alavanca de tremolo e sola freneticamente até em músicas mais lentas. Corey dá um show de canto na introdução de "Open Letter (To A Landlord)", explorando agudos e vibratos como velhas lendas do soul e R&B. Doug e William interagem através de baixos estalados e batidas quebradas, respectivamente, balanceando rock, jazz e funk com primor.

Pelo menos na visão de BIZZ, o retorno está mais do que aprovado.

O fim do Living Colour foi mal explicado. O grupo desapareceu sem dar muitas satisfações. O que aconteceu na época?
Corey Glover: Estávamos muito cansados. Precisávamos cuidar de nossas vidas. Doug não sentiu muito o impacto, pois era um membro novo. Não sabíamos balancear vida pessoal e profissional. O membro mais afetado foi Vernon. Se dependesse de mim, Will e Doug, acho que a banda até continuaria.

Houve alguma diferença musical?
Não. Desde que a banda se formou, a criação musical sempre foi moleza. Sempre nos demos bem quando nos reunimos para compor. Os problemas foram externos, não internos. Sempre fomos amigos. A indústria musical nos cansou.

Nesses seis anos de ausência, você lançou apenas um disco solo, *Hymns*. O que fez no resto do tempo?
A criação e a turnê desse disco me tomaram bastante tempo. Divulguei o álbum nos Estados Unidos e depois na Europa. Também trabalhei como ator e toquei com Will, Doug e Vernon em projetos paralelos. Nunca deixei de trabalhar.

Como então o Living Colour se reuniu?
Foi algo natural, não planejado. Apenas sentimos que era o momento certo. Will foi quem ligou para o resto do grupo. Como eu disse, trabalhamos juntos nesses anos. Só não estávamos no Living Colour. Conversamos sobre a reunião algumas vezes, mas queríamos esperar para voltar. O show no CBGB nos provou que era a hora certa. A agenda e a visão musical de nós quatro se encaixaram. Por muito tempo, comprometemos nossas famílias e vidas pessoais por causa da banda. Agora, sabemos que outros aspectos de nossas vidas são tão importantes quanto o Living Colour.

O vocalista conectou-se com o povo brasileiro de uma forma diferente quando esteve por aqui: "Senti que já conhecia as pessoas. Elas tinham o nosso sangue"

Bandas reunidas costuman lançar material novo para evitar nostalgia. Por que vocês estão excursionando antes de gravar?
Para ter certeza de que estamos fazendo a coisa certa. Temos de averiguar primeiro o nosso objetivo musical. Como amadurecemos desde a separação, precisamos ver em que pé estamos artisticamente. Já compusemos músicas novas. Nos shows, tocamos material novo e canções antigas nunca antes apresentadas. Estamos adicionando ingredientes ao nosso estilo. Quando terminarmos de fazer isso, estaremos prontos para gravar.

Pelo que já foi composto, como você definiria o estilo atual do Living Colour?
Ainda somos pesados. Estamos injetando mais tecnologia, mais coisas eletrônicas. Não gosto de rótulos, mas é como se fosse um metal eletrônico.

Alguma idéia de quando sairá o disco?
Não. Continuaremos a excursionar porque desenvolvemos nossas idéias mais no palco do que no estúdio. Não podemos fazer um disco antes de saber o que o público deseja.

Seu disco-solo e seus projetos com Vernon, William e Doug foram mais suaves que o Living Colour. Como é retornar ao peso?
Não é uma grande transição porque encaro as coisas igualmente. Canto no Living Colour como cantei nos projetos paralelos. O conteúdo musical é o principal. Me preocupo mais com as letras, as melodias e os instrumentais. Nós quatro temos idéias diferentes, mas, quando as juntamos, criamos o som do Living Colour. É a beleza da banda.

Nos Estados Unidos, o rock pesado está baseado em vocais berrados e guitarras barulhentas. Sendo o Living Colour um grupo mais melódico, você acha que será difícil atrair o público com o novo disco?
Nada supera uma boa música. Nada! Se a canção for boa, jogará todas essas barreiras pela janela. A banda mais pesada do mundo pode gravar uma balada. Se as pessoas curtirem a melodia, a música virará um hit. Queremos compor grandes músicas. Isso é tudo. Não nos preocupamos com o mercado. Quando atingirmos isso, deixaremos o marketing e o resto das coisas com produtor e gravadora.

Atualmente, muitos artistas brancos cantam e se vestem como negros. Na sua visão, por que isso está acontecendo?
Isso sempre ocorreu na história do rock' n'roll. Quando o rock era a música dos negros, tornou-se popular entre os brancos porque confrontou as normas da sociedade. Foi algo contra o gosto dos pais. As pessoas sempre querem fazer músicas que irritam seus pais. Além disso, o hip-hop é uma cultura.

Ironicamente, o hip-hop não é um elemento do som do Living Colour. Por quê?
Apesar de não sermos uma banda de hip-hop, sempre tivemos elementos do estilo. Chuck D e Flavor Flav (do Public Enemy) e Queen Latifah já gravaram conosco. Além disso, algumas de nossas batidas têm pitadas de hip-hop.

O Brasil tem uma grande população negra. Por causa disso, você se identificou mais com o nosso país?
Absolutamente. Senti que já conhecia as pessoas. Elas tinham o nosso sangue. Nem precisamos nos comunicar – a interação já estava presente. Mas eu só vi as cidades grandes no Brasil. Will e Vernon estiveram em locais diferentes.

Bandas americanas dão prioridade à Europa e ao Japão em shows internacionais. Com a turnê em junho, por que vocês colocaram o Brasil no topo da lista?
Porque foi o país que mais nos deu amor, assim como a Argentina e o Chile. Os brasileiros querem realmente nos ver tocar. Nada supera isso – é algo genuíno. Eles não passaram a curtir o Living Colour só porque estavámos na moda ou porque viram um videoclipe. Eles realmente apreciam nossa música, ouvem os discos inteiros e cantam conosco. Curtem "Cult Of Personality", mas também "Broken Hearts". Absorvem todas as fontes de nosso trabalho: jazz, hip-hop, rock e música africana. Nos entendem mais que outros povos.

Curiosidade final: que fim levou o baixista original da banda, Muzz Skillings?
Ele é guitarrista agora. Está numa banda de rock chamada Medicine Stick, que faz muitos shows em Nova York.

o t a l

Em 2001, os ventos de renovação da música pop brasileira – verdadeiramente ousada, inventiva, livre de rótulos ou guetos e, ao mesmo tempo, arraigada na tradição harmônica nacional – passam pela cabeça coberta de dreads de um cara de 28 anos. Mas o que ele tem assim de especial para que artistas tão díspares entre si queiram sua assinatura em seus próximos trabalhos?

Por Ricardo Alexandre fotos Marcello Vitorino

Após um show de Max de Castro no Rio de Janeiro, o jornalista, produtor e agitador Nelson Motta procurou o cantor nos camarins para dissipar uma dúvida que o afligia: "De quem é aquela balada linda, aquele clássico que você tocou?". Max, meio encabulado, confessou: "É minha". Era uma música nova, provisoriamente intitulada "A Paz Que Você Viu Pra Mim", uma das poucas compostas depois do lançamento do CD *Samba Raro*, no início de 2000. Max anda ocupadíssimo com a turnê do disco, com os compromissos de divulgação e com suas inúmeras atividades paralelas. Nos últimos meses, produziu duas faixas do novo CD do Kid Abelha ("Solidão, Bom Dia" e "Dez Minutos"), quatro para o álbum-solo de Frejat ("Me Perdoa", "Eu Não Sei Dizer Te Amo", "Sol De Domingo" e "Mais Que Perfeito") e o disco inteiro de estréia da soulwoman paulistana Paula Lima. Pouco antes, já havia pilotado a mesa de som na estréia-solo de Leandro Lehart, vocalista do Art Popular, e remixado "Distraída Pra Morte", de Otto. E, na semana desta entrevista, Max voltava de um consagrador show no Canecão, ao lado do irmão Wilson Simoninha, no Rio. "O mais importante, e que ninguém parece haver notado, é que lançamos nossos discos há menos de um ano, não tocamos no rádio e estávamos nos apresentando no Canecão cheio", acredita o cantor. "Isso é um sintoma de que existem pessoas interessadas em música. De que o Brasil não é só a dança da bundinha ou o funk carioca ou o que o cara da Universal resolve lançar."

A sombra da unanimidade não incomoda?
Quando assisti ao Art Popular no Video Music Brasil de 1999 tocando com o MV Bill, percebi que havia algo bruto muito interessante ali, ainda que aquilo pudesse ser melhor acabado. Achei um desafio trabalhar com o Leandro Lehart *(vocalista do grupo)*, porque ele trazia uma outra ligação com a música, de natureza mais comercial. O que me motivou foi interferir na rádio, fazer com que o fã do Art Popular diga "espere aí, o som tá bom!", porque, em vez de gravar em uma semana como ele fazia, ficamos três meses no estúdio, três dias para mixar uma única faixa. Mas isso não é particularidade minha. Há muita gente na minha geração com essa característica de haver crescido meio inconformada com o padrão, gente que sempre buscou informação.

Que critérios você segue antes de aceitar um trabalho de produção?
Me agrada ver que trabalhei com artistas muito diferentes entre si. Leandro Lehart era essa coisa de atuar com alguém muito popular. O Kid Abelha é uma banda com quase 20 anos de carreira, que influenciou muita gente, que sobreviveu fazendo música pop sem apelar para truques do mercado. Eles têm uma coerência de que gos-

Marcelo D2
O Zeca Pagodinho do rock brasileiro tocou com Max no início do ano, quando levaram uma versão de "Charles Jr." de Jorge Ben. A parceria promete frutos musicais.

Frejat
Está compondo e gravando alucinadamente sua estréia-solo. Convidou Max para deixar sua marca em várias faixas do CD.

Produtor credita os convites de trabalho ao material apresentado em seu disco

Ed Motta
Precursor de toda a movimentação, chorou feito criança ao ouvir *Samba Raro*, como que reconhecendo a chegada do salvador da pátria.

Lobão
Fez shows ensandecedos ao lado de Max e, juntos, gravaram uma nova e arrebatadora versão de "Decadence Avec Elegance".

"O que muda a história é o momento em que o departamento comercial das gravadoras – e das rádios e TVs – passa a ser mais importante que o artístico. Aí, f..."

to muito. Além disso, fiquei muito contente porque não foi um convite da gravadora, foi o George Israel *(saxofonista do Kid)* que me ligou, e a gente se deu superbem. Aliás, as coisas vão aparecendo, não tenho um "plano de metas" a atingir *(risos)*, é algo sempre muito natural. O Frejat já foi outro caso. Achei muito legal me envolver nesse projeto, porque era um disco feito num estúdio pequeno, com orçamento baixo, sem o ego que se esperaria de uma estrela como ele. Para mim, isso é que é ser artista: produzir discos, fazer shows, eventualmente atacar de DJ, escrever – não apenas pegar um violão, subir ao palco ou gravar um disco a cada três anos.

Durante o show, nos acordes finais de "Samba Raro" o palco escurece, e a frase "A Revolução Não Foi Televisionada" surge, garrafal, no telão atrás, lá ficando por vários minutos. É isso que Max vive no momento. Ainda que seu primeiro álbum esteja no animador patamar das 30 mil cópias (mais do que o de Wilsom Sideral, por exemplo), este não é, definitivamente, o ponto. Max está percorrendo um outro caminho, longe dos esquemas corrompidos das rádios, do tudo-por-dinheiro da TV e da indústria fonográfica tradicional. E tendo a sorte de contar com o apoio da gravadora Trama, fundada no fim de 1998, um dos últimos refúgios do mercado onde ainda se acredita no desenvolvimento de uma carreira e se investe na construção de uma reputação. A Trama decidiu aplicar dinheiro em shows bem-estruturados pelo país. "O melhor marketing é o show", endossa Max. "É o lugar no qual há menos intermediários entre o artista e o público. Se não gosta, ele vai embora; se gosta, compra o disco."

O Rappa

Hoje há muito artista pensando com a cabeça da indústria, fazendo música de acordo com o rádio, a gravadora, o clipe, a turnê milionária, o anunciante...

Acho que é sempre a indústria o elemento determinante para esse comportamento. Gil e Caetano, que ficaram como referência por tanto tempo, tiveram a sorte de serem artistas numa época em que havia liberdade de experimentar, criar uma discografia extensa, lançar até mais de um álbum por ano. O que muda a história da música brasileira é o momento em que o departamento comercial das gravadoras – e das televisões e rádios – passa a ser mais importante que o artístico. Aí, fodeu. O artista tem duas saídas: ou dança conforme a música ou procura seu próprio caminho.

O pequeno Max já mostrava inclinação pelos botões...

Como você se sente vivendo numa época em que as FMs são um obstáculo, e não uma plataforma de lançamento?

A 89 FM de São Paulo é uma rádio legal, mas se não tiver algo de rock bem evidente o programador não gosta. Numa rádio de MPB, é preciso ser do gueto, algo bem Leila Pinheiro ou Guinga – para estes, meu som é moderno demais. As rádios dificultam até para que bandas pop, como o Skank, consigam evoluir. Os caras fazem o melhor disco deles, disparado *(Maquinarama)*, mas vão ficando ilhados. O negócio é fazer a música do jeito que a gente acha que deve fazer, apostar naquilo e se satisfazer com o que o trabalho proporcionar. Porque a única solução é romper com esse padrão.

Tenho sentido uma simpatia muito grande em relação ao seu trabalho, porque ele centraliza um descontentamento com o padrão musical e conceitual do que está aí. Você tem noção desse papel e contra o que está brigando?

Eu nunca havia pensado exatamente nesses termos, mas, de fato, sinto que há uma geração que está se questionando. Está havendo uma ruptura comportamental, mas com amor, de admitir que certas coisas têm seu valor, mas que a gente não precisa segui-las se não quiser. Há uma renovação geral, de princípios e valores musicais, uma preocupação de revisitar a história, notar que muita coisa foi superestimada e outras subestimadas. Agora, está mais clara essa noção de que a balança não é nem tão para baixo nem tanto para ci-

Wilson Simoninha

ma. Os clichês foram sendo repetidos, repetidos, até que as pessoas tivessem preguiça de pensar. A meta da minha geração é que essa ruptura seja visível em todos os aspectos.

Em duas horas de papo, Max não usou nenhuma vez o termo "MPB" – a não ser para se referir, sarcasticamente, aos que tiveram a carreira "superestimada" em detrimento de toda a contextualização musical da época, aos que acharam muito confortável que a história da produção musical no Brasil fosse se afunilando até ser reduzida aos mesmos dois ou três cantores baianos, as mesmas duas ou três "divas" e a outros dois ou três "gênios" concretistas. "O tropicalismo trouxe um negócio extremamente maléfico, de instituir o que é 'cool', o que é 'cafona', o que é 'moderno', 'antigo'", acredita Max. "Hoje, não existe mais isso. Quem faz música é capaz de gostar de algo sem precisar de uma força externa dizendo se aquilo tem a ver ou não." Max assistiu, em casa, ao fruto mais trágico dessa histórica "preguiça de pensar". Ele e Simoninha são filhos do cantor Wilson Simonal, que nos anos 60 fundiu a bossa nova à soul music e ao pop americano, dando a gênese do samba-rock e da black music nacional. Filho de uma doméstica, Simonal angariou o ódio da "inteligência" da época por ser negro, arrogante, despolitizado e fazer tanto (ou mais) sucesso quanto o branco e humilde Roberto Carlos. Foi envolvido em uma teia de boatos que rezava que ele seria colaborador da ditadura militar – embora nunca nada fosse provado a respeito. A partir do início dos anos 70, Simonal foi se dedicando cada vez menos à sua música e mais às tentativas de esclarecer o ocorrido. Morreu em junho de 2000, aos 62 anos, sem nunca haver se envolvido com a carreira dos filhos. Dizia sempre que não queria que Max e Simoninha fossem tratados como "filhos de um dedo-duro".

Em seu estúdio, o artista esta em constante aperfeiçoamento de suas melodias

Leandro Lehart

Hoje, todos os descolados da musica brasileira querem trabalhar com você. Não é irônico que, há 25 anos, todos evitassem se envolver com seu pai? Você já se flagrou com um sentimento de vingança?

Simonal foi um assunto proibido por muitos anos. Não pegava bem falar do meu pai. Mas senti que, depois que eu e meu irmão lançamos nossos discos, as pessoas voltaram a falar um pouco sobre ele, como se precisassem de uma desculpa para isso. Me deixa feliz servir de motivo para que muita gente possa falar dele com isenção. Foi uma coisa muito mal explicada, as pessoas que poderiam livrá-lo na época não quiseram se comprometer, foi algo que nunca se esclareceu totalmente. Às vezes, sinto que muitos dos que são legais conosco o fazem como se estivessem se desculpando por eventuais omissões do passado. Mas não posso ter esse sentimento de vingança, porque nada vai fazer o tempo voltar atrás.

Há pouquíssimos discos de Simonal em catálogo, assim como a maior parte das suas referências...

É engraçado, não? Por outro lado, há um carinho todo especial por certas carreiras. Você entra numa loja e está toda lá a discografia do Caetano, todos os discos do Gil, tudo do Milton. Acho que, claro, o negócio faz parte da história, tem de ter acesso. Mas os caras já têm uma importância superestimada, como se a música brasileira se resumisse ao que eles fizeram. Mentira. É porque todo o resto cai no estigma: "Ah, Simonal é muito chato", "Bebeto é brega"... As pessoas nunca ouviram e já não gostavam. E quem teve acesso, se omitia ou, por preguiça, repetia que "fulano é o gênio da MPB". A elite da MPB decidia que o que era "bom" era perpetuado, e o que era "ruim", deletado. Também me deixei levar por isso quando comecei a ouvir música. O estigma dizia que o Jorge Ben era "o cara da alegria". Aí, fui ouvir o *Força Bruta* e descobri coisas supermelancólicas, um lance sério pra caralho. "Ah, as letras do Jorge não falam nada com nada." Pô, "Charles Anjo 45" é superforte, traz coisas que tratam da negritude de um jeito profundo. E aí comecei a ver quanto esses caras de maior evidência se utilizaram de ondas da época que emprestaram uma certa modernidade a eles. A elite da MPB se beneficiou de alguns cré-

"A elite da MPB se beneficiou de alguns créditos que ela recebeu por acaso, sem participação nenhuma. O desconforto com isso gerou uma coisa dentro de mim que me motivou a produzir, a gravar"

ditos que recebeu por acaso, sem participação nenhuma. Essa discordância começou a gerar uma coisa dentro de mim *(faz cara de azia)* que me motivou a produzir, a gravar. Minhas músicas foram inspiradas nesse desconforto.

Egressa do Funk Como

produzido por Max

intendo todas

racional em um trabalho

sofisticado e elegante

disco *Samba Raro* soa como um manifesto pela renovação estética na música brasileira e pela reavaliação histórica de tudo o que foi feito por esses artistas. É praticamente um álbum sobre o fim dos estigmas. "Gosto de ter um conceito e, a partir do desenvolvimento dessa idéia, começar a criar", admite Max, lembrando o caso de Baden Powell: "Ele gravou mais discos do que o João Gilberto, toca violão melhor, faz mais sucesso no mundo e por que João Gilberto é o cara?". *Samba Raro* cita Baden, Vandré, Jorge Ben, Simonal, Cassiano e muitos outros excluídos da história da música nacional. Por outro lado, seu encarte termina com um texto em que lista colegas geracionais e conclama: "Vamos fazer a nova cena juntos".

Como foi que o "desconforto" com a história da música brasileira desembocou em *Samba Raro*?

Foi um processo lento. Começou pelo simples fato de eu comprar os discos do Geraldo Vandré , que é tido como "música de protesto". Aí você olha na contracapa e vê que uma música é do Baden Powell, que o arranjo da outra é do Moacir Santos... De repente, notei que essas pessoas faziam parte de uma cena musical, que era algo diferente do que me contaram, do que está na história da música brasileira. E em 1998 eu estava no auge desse desconforto, mas esperava que os artistas resolvessem essa questão. Eu ouvia Chico Science e Carlinhos Brown e achava legal, mas sentia falta desse negócio ali. Até que um dia entendi que não poderia esperar que outros artistas entendessem algo que estava acontecendo dentro de mim. Aquilo era o meu trabalho, e só eu poderia ser capaz de resolver isso. Foi quando comecei a pensar no disco.

Há outro dado importante no seu disco, que é o uso da música eletrônica com a harmonia que só o artista brasileiro tem...

Pois é, perdeu-se a tradição harmônica na música brasileira, que só está sendo retomada agora. O Ed Motta é um que está sofrendo com isso, porque é o cara mais capacitado da nossa geração e é ligado na harmonia, na melodia sofisticada – embora a indústria queira que ele faça outra "Manoel". Claro que o número de acordes não é o que determina se a canção é boa, mas seria um desperdício, com tudo o que o Ed sabe... Nos anos 60, havia essa corrente forte – pô, o Edu Lobo era um pop star, dava autógrafo na rua. Mas aí veio o clichê: "Ah, isso é música chata", "é complicado", "o povão não entende". Isso não quer dizer nada! Tom Jobim é o compositor mais popular do mundo, não o Beto Jamaica. O que sempre procuro é fazer uma música harmonicamente rica, elaborada, sem que soe rebuscada para quem quer curtir só a melodia. Ao mesmo tempo, sei que a eletrônica tem um dado sonoro que me dá muito prazer – hoje em dia, com tudo o que já foi feito, me sentir surpreso com um som, um barulho ou efeito, com a mixagem, é muito bom. Claro que, sendo um DJ e não um músico, há um limite musical para a sensibilidade do cara. Mas é ótimo ver que também eles estão assumindo sua identidade, e não imitando a música brasileira – isso é uma mania que a gente tem, fazer nossa música do jeito dos gringos, o subproduto do subproduto. É algo relaxado, natural. Uso Baden Powell do jeito que uso James Brown, sem juízo de valores. Não quero segurar essa bandeira.

UMA ONDA DIFERENTE

Dificilmente Max chegaria ao lugar onde está em uma companhia multinacional, com seus objetivos de venda e seu marketing duvidoso. Assim como ele, Simoninha, Jairzinho, DJ Patife e outros fazem parte do cast da Trama ("A Elenco do século 21", disse Ed Motta, comparando-a ao lendário selo dos anos 60). Presidida por João Marcello Bôscoli, a gravadora vem alterando o padrão de qualidade do "produto" disco e se estrutura para colher seus primeiros frutos. João Marcelo conversou com BIZZ.

É esse tipo de repercussão que Max de Castro está tendo que a Trama esperava?

Max de Castro superou todas as nossas expectativas: fez um disco muito melhor do que se esperava, teve críticas muito melhores do que se esperava, foi compreendido pelo público antes do que se esperava... Max é um visionário musical popular e, se não estivesse rolando no primeiro álbum, esperaríamos quantos fossem. A Motown demorou cinco anos até ter o primeiro grande sucesso, a Virgin levou quase dez anos para emplacar um número 1, Caetano Veloso teve seu primeiro disco de ouro só no meio da década de 80 (*Totalmente Demais*) e sua importância nunca foi menor por causa disso. É preciso paciência.

Como os "sócios capitalistas" enxergam uma gravadora que tem muita moral e nenhum disco de ouro?

Não tenho o que se convencionou chamar de "sócios capitalistas". Tenho pessoas que acreditam no projeto e naquilo que ele representa como proposta artística. Dentro disso, há um plano em curso para atingir os discos de ouro a partir do quarto ano, mas devemos alcançá-lo antes.

Qual a sua noção de sucesso? Qual é o caminho que a Trama trilha para atingi-lo?

Para nós, sucesso ideal é aquele em que o artista vende bem, faz muito show e aparece na mídia, sem abdicar de sua proposta original. Teremos discos de ouro este ano, é o caminho natural. No primeiro ano da Trama, vendemos 300 mil cópias, no segundo pulamos para 900 mil. Para 2001, a previsão é dobrar. Sem destruir ou inventar carreiras.

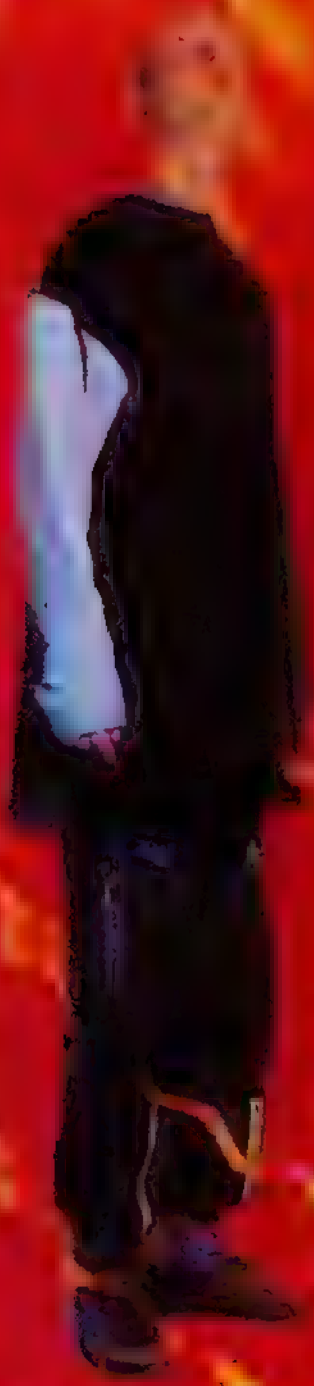
De brother para brother. Grátis quatro mini-pranchas para colecionar.

Neste mês vamos dar o pranchão e o suporte para acomodar o mini-quiver. Em julho, a monoquilha, em agosto, a biquilha e em setembro, para completar sua coleção, a triquilha.

Patrocínio:

É não é só: na FLUIR de junho você também leva na faixa o suplemento feminino Fluir Girls. Dá para acreditar?

Achados no espaço



Tendência vai, tendência vem e o Orbital continua fiel à música eletrônica. Os irmãos Hartnoll acabam de lançar um novo álbum que só reforça a certeza no estilo que já foi o som do futuro e hoje transforma DJs em superstars

Por Camilo Rocha

O Orbital tem uma constância única entre as grandes bandas de música eletrônica. Enquanto o Underworld acaba de passar por um desfalque fundamental (o DJ Darren Emerson), o Prodigy quer ser mais rock do que tecno, o Daft Punk quer ser mais pop do que tecno, e o Leftfield passa longos períodos sumido, o mesmo Orbital segue de dois em dois anos lançando um novo álbum que é essencialmente Música Eletrônica.

Não existe rótulo mais apropriado para definir o som do Orbital do que "música eletrônica" mesmo. Tecno, trance, drum n'bass, ambient, house, nada se aplica, embora se ouça um pouco de tudo isso na música do grupo formado pelos irmãos Paul e Phil Hartnoll. Seu som é abrangente, experimental, ousado e totalmente único.

O último álbum deles acaba de sair e é excelente. Chama-se *The Altogether* e é o sexto em 12 anos de carreira. Quem já conhece e curte o Orbital vai ficar feliz em saber que o disco tem várias faixas que são a cara do grupo: melódicas, que se desenvolvem lentamente, com vocais que levitam – entre elas o primeiro single "Funny Break (One Is Enough)" e "Last Thing". Mas são as inovações que fazem desse disco algo especial e mostram que o Orbital ainda consegue pegar o ouvinte desprevenido.

A primeira faixa, "Tension", é o exemplo perfeito. Surf music androide, que sampleia o clássico "Surfin' Bird" (segundo o release, a versão do Cramps) e contorce o vocal de "papa um mau mau" até ele soar como se estivesse sentado numa cadeira elétrica. Já "Tootled" é rock eletro-funk. Começa com um berimbau em rotação acelerada e traz guitarras se debruçando em cima de rajadas iradas de vocais e teclados. Aqui, o objeto sampleado foi nada menos que a banda americana Tool. "Illuminate" é um inusitado cruzamento entre folk e eletrônico, com vocais e letra de David Gray, um amigo da banda. Chega a lembrar 10,000 Maniacs em alguns momentos.

Mas *The Altogether* não é um disco para pista. Quando pergunto a Phil Hartnoll porque eles não fazem mais som direcionado para movimentos embaixo da estrobo, ele diz "nunca fizemos música pensando na pista. (O primeiro single, de 1989) "Chime" foi um hit de pista, mas isso foi por acaso. Acho que nosso som é muito complicado e elaborado para a pista, quando você faz música para dançar tem que deixar as coisas simples." Mas vocês continuam se man-

tendo a par das últimas novidades das pistas, não? Os singles de vocês sempre trazem remixes de caras novos (exemplos: Layo & Bushwacka, Plump DJs, Les Rhythmes Digitales, Breeder, Way Out West e Sasha). "Procuramos sempre ouvir o que está saindo de novo, embora seja impossível acompanhar tudo. Com certeza, já não acompanho como antes", diz Phil. "O pessoal que vai fazer os remixes acaba sendo uma escolha conjunta entre a gente e o Pete Tong (conhecido DJ da rádio BBC e chefe da ffrr, subsidiária da London Records que lança os discos do Orbital)."

O FUTURO DO SOM DO FUTURO

Como Phil vê a cena eletrônica hoje, tendo acompanhado sua evolução desde o começo? "Bom, é totalmente diferente de quando começamos. É irreconhecível. Antes era uma coisa underground, mais subversiva, tinha toda uma excitação que envolve coisas assim. Agora a eletrônica está em toda parte, virou uma coisa global e, apesar disso significar que ela faz parte do mainstream, ainda assim é legal, nosso som agora chega a muito mais pessoas." E o futuro da música eletrônica? Ainda tem muito chão pela frente? "Acho que sim, é um processo que não tem mais volta. Não acho que de repente vai haver um retorno às guitarras acústicas. É o rumo que o mundo está tomando, a tecnologia ocupa nossas vidas de uma maneira como nunca ocupou, a molecada está sendo exposta a isso desde bem cedo. No meu tempo, estavam chegando os primeiros computadores na escola. Hoje, todas têm e as crianças estão na internet desde cedo. Então a presença cada vez maior da tecnologia na música é uma conseqüência do nosso tempo, e é em todo tipo de música, não só na eletrônica."

Como toda boa música eletrônica, o som do Orbital lida mais com emoções sugeridas, climas e ambientações do que com mecanismos diretos como refrãos e mensagens. Cabe a você construir imagens e idéias a partir do som, ao invés de receber um conceito finalizado. Mesmo assim, o Orbital resolveu disponibilizar uma opção para os preguiçosos. *The Altogether* também ganhou uma versão em DVD (que inclui versões diferentes para algumas faixas do álbum).

PARCERIA COM O METALLICA

Não é de hoje que os irmãos Hartnoll conciliam suas viagens auditivas com imagens. Seus shows sempre foram marcados por projeções fantásticas, perturbadoras e inesperadas. Quem viu a apresentação no Free Jazz Festival de 1999 pôde comprovar. Nos últimos anos, o Orbital contribuiu para três trilhas sonoras: fez uma reinterpretação da música tema de *O Santo*; gravou "Beached" com o compositor Angelo Badalamenti para *A Praia*; e regravou sua "Satan" com a guitarra de Kirk Hammett, do Metallica, para o filme *Spawn*. Difícil imaginar uma junção mais exótica: os irmãos Hartnoll, 100% eletrônicos, sutis e futuristas, com a arrogância retrógrada "rock n'roll na veia" do Metallica. Como aconteceu essa colaboração? "Na verdade, nunca entramos no estúdio juntos. Mandamos a nossa parte da música para os EUA e o Kirk Hammett pôs a guitarra em cima. Foi uma daquelas idéias malucas de pessoal de gravadora, mas que achamos legal de fazer. Claro que a faixa tinha que ser 'Satan'. Quando saiu a versão original, diziam que rodando o disco ao contrário podia se ouvir alguém falando 'Satã'. Nessa versão, você pode ouvir alguém falando 'Jesus te ama'." (*Risos*)

Já que o espírito é esse, que tal finalizar com uma mensagem positiva para as crianças? Qual o segredo para permanecer sempre relevante na eletrônica, um universo acelerado onde as tendências e os nomes do momento vêm e vão em alta velocidade? "Acho que duramos tanto porque nunca estouramos de uma maneira pop como outros artistas eletrônicos, sempre tivemos êxito com nossos álbuns, mas nunca fizemos sucesso exagerado a ponto de nos desgastar. Sempre ficamos um pouco abaixo da superfície. Nosso som também sempre teve essa cara própria, nunca estivemos ligados a nenhuma onda ou tendência do momento."

Quase li

No Stone Temple Pilots é assim: enquanto um se reabilita, o o

"Já escutou o novo disco de Bebel Gilberto? É fantástico! Se você a encontrar, diga que comprei 12 cópias. É um álbum tão belo que dei de presente para um monte de gente", diz o guitarrista Dean DeLeo, do Stone Temple Pilots, na piscina de um hotel em Santa Monica, Califórnia.

Como Beck, David Byrne, Santana e outros artistas gringos, Dean ouve música brasileira porque realmente gosta, não porque está na moda entre europeus e americanos. A evidência está nos próprios discos do Stone Temple Pilots. Canções como "And So I Know", "Daisy" e "Bi-Polar Bear" – esta última do álbum novo, *Shangri-La Dee Da* – possuem influências de MPB e bossa nova.

Mas Dean, o baixista Robert De Leo, o vocalista Scott Weiland e o baterista Eric Kretz têm o rock pesado – e bota pesado nisso! – como base musical. Jazz, blues, MPB e bossa nova são apenas estilos paralelos. A fusão musical levou o quarteto ao estrelato no mundo rock. *Core* (1992), *Purple* (1994), *Tiny Music... Songs From The Vatican Gift Shop* (1996) e *Nº 4* (1999) somaram 16 milhões de cópias vendidas só nos Estados Unidos.

A fama do Stone Temple Pilots – que vem de San Diego, Califórnia – está ligada também a fatores extramusicais. O grupo esteve em diversas manchetes por causa do envolvimento de Scott com a heroína. O vocalista iniciou seu consumo em 1993. Após tentar superar o vício nos anos seguintes, foi preso em 1997 ao ser pego com a droga. Piedosamente, um juiz americano lhe ordenou tratamento médico e educacional em vez de mandá-lo para a cadeia.

Insatisfeitos com o problema do vocalista, Dean, Robert e Eric chamaram o desconhecido Dave Coutts para substituí-lo e formaram a banda Talk Show. Lançaram apenas um disco, heterônimo, que fracassou comercialmente.

Scott ignorou as recomendações do juiz e continuou a usar drogas. Em 1998, ele chegou a ponto de dizer a um repórter da revista americana *US*: "Se eu tivesse heroína comigo agora, garanto que te convenceria a usá-la. Se você estiver com medo, tudo bem. Posso mostrar como é.

Dean DeLeo, Eric Kretz, Scott Weiland e Robert DeLeo: o período infernal passou, mas o vício persiste

mpinhos

quer provar as substâncias ilícitas produzidas na América do Sul...

Por Daniel Oliveira, de Los Angeles, Estados Unidos

Estou com duas agulhas no meu bolso. Posso te dar a maior viagem da sua vida". Nesse espírito, o vocalista lançou um disco-solo, o belo *12 Bar Blues*, que também não foi bem nas lojas.

Em 1999, Scott voltou a trabalhar com Dean, Robert e Eric após afirmar que havia superado o vício. O quarteto gravou *Nº 4*, mas a festa durou pouco: o vocalista tomou uma overdose de heroína. Dessa vez, a justiça americana não teve pena. Ele foi sentenciado a cinco meses no centro de reabilitação da prisão municipal de Los Angeles. Dean, Robert e Eric não viraram as costas e procuraram ajudar o amigo. *Nº 4* foi lançado quando o vocalista ainda cumpria sua sentença.

No ano passado, com Scott livre das drogas e das grades, o Stone Temple Pilots voltou a excursionar e compor. Em janeiro deste ano, o grupo entrou numa mansão alugada em Malibu, Califórnia, para gravar *Shangri-La Dee Da*. A experiência foi tão agradável que um documentário sobre a produção do disco sairá no fim de 2001. A sobriedade de Scott ajudou o STP a realizar um de seus melhores trabalhos. Sejam rocks pesadões ou baladas melódicas, as canções de *Shangri-La Dee Da* – que é o nome da mansão – trazem um clima soturno e melancólico numa sonoridade crua.

Dean está claramente animado para divulgar o disco. Passeando pelo hotel, enxerga Scott mexendo na geladeira. Diz ao vocalista: "Ouviu a história de nosso amigo brasileiro aqui? Britney Spears cantou em play-back, abriu a bandeira americana e foi vaiada no Rock In Rio! Isto não é demais?". Scott responde: "Pô, do caralho!" Depois, quando os quatro estão juntos na suíte, fica óbvio o clima de amizade e otimismo entre eles.

O papo informal gira em torno do Brasil, incluindo a música de nosso país e a animação dos brasileiros em shows de rock. Scott explica como consegue imitar os cantos relaxantes e sedutores de artistas da bossa nova. "Cresci falando inglês e português", diz, brincando. "Não é isso! Foi algo natural para mim. Sempre apreciei música brasileira. Além disso, sou fã de ambient music. Muitos vocalistas desse estilo têm influências brasileiras."

Nos Estados Unidos, você é um dos poucos guitarristas do rock atual a ser reconhecido por técnica e musicalidade. Como é ser exceção numa geração de guitarristas fracos e limitados?

Dean DeLeo: Fico lisonjeado com isso. Os anos 90 introduziram o movimento de bandas como Hole e Pavement, em que era considerado legal não saber tocar. Algumas bandas eram boas, mas nunca gostei dessa ética musical. O meu status está ligado às minhas fontes musicais. Sempre ouvi grandes artistas em casa. No quarto de meu irmão mais velho, eu ouvia Jimi Hendrix. No quarto de minha irmã, eu ouvia Neil Young. No quarto de meu outro irmão, ouvia Jeff Beck e Rod Stewart. Estive circundado por música de qualidade. Como guitarrista, roubei idéias de grandes artistas. Nós, músicos, somos um bando de ladrões (*risos*).

E rolava música brasileira na sua casa?

Sim, João Gilberto e Tom Jobim. Para mim, Jobim é um dos maiores compositores de todos os tempos. Gosto também dos trabalhos de Sergio Mendes com a voz fantástica de Wanda Sá. Parece a voz de uma de dona de casa – seu canto tem um sentimento inocente. A música brasileira é pura e autêntica. Me afetou profundamente.

A música "Bi-Polar Bear", do disco novo, lembra um pouco bossa nova.

Você acha? Duas canções excluídas do disco são profundamente influenciadas por música brasileira. Robert, meu irmão, é fascinado por artistas brasileiros. Essas canções devem entrar no próximo álbum. São boas demais para virarem lado B de single. Nossa gravadora fica sem reação quando ouve músicas assim. Os caras perguntam: "Cadê a guitarra elétrica? Onde está o rock'n'roll? E o som do STP?". Nem a gravadora nem os fãs gostam que toquemos outros estilos.

Você não estudou teoria musical, mas toca coisas incomuns para um guitarrista de rock. Como consegue isso?

Preciso admitir que Robert é um guitarrista fantástico. Ele sabe mais sobre acordes do que eu. Acabo roubando suas idéias. Nunca quis dedicar meu tempo a aprender teoria musical. Sempre achei que teoria afetaria meu modo de tocar. Acho que a guitarra vem mais do coração que do cérebro.

Por que então Robert virou baixista?

Foi uma transição natural. Aos 19 anos, eu tocava numa banda e precisávamos de um baixista. Robert tinha 15 anos e já era um grande guitarrista. Ele tirava nota por nota músicas bastante avançadas, como "Mood For A Day" e outras coisas de Steve Howe, do Yes. Seu ouvido é muito bom. Ele pode reproduzir qualquer coisa. Sendo um grande guitarrista, ele achou que o baixo seria moleza. Seus horizontes se expandiram à medida que explorou o instrumento. Considero meu irmão um dos melhores baixistas do mundo. Ele está tocando muito no disco novo. Um baixo criativo faz falta nas bandas de hoje.

Dean DeLeo: "Adoro usar drogas. O fato de eu poder consumi-las surpreende Scott (*Weiland*). Sei abusar e parar."

Irmãos se amam, mas também brigam. É difícil para vocês se relacionarem pessoalmente e profissionalmente?

Não, porque seja lá o que acontecer – a pior ou melhor coisa do mundo – temos o ombro do outro. Sabemos bem como o outro se sente. A ajuda é mútua. Podemos ouvir o outro chorar. É algo bastante positivo. Mas eu mentiria se dissesse que não brigamos. Já perdemos o controle, mas nunca caímos na porrada. Por trás das brigas, há muito amor e respeito.

Normalmente, músicos não gostam de discutir assuntos pessoais em entrevistas. Por que vocês têm sido tão abertos sobre os problemas de Scott com a heroína?

As pessoas têm o direito de saber por que cancelamos shows. Esse é o limite – não falamos muito de nossa vida pessoal. Eu não lhe diria que tipo de cueca visto (*risos*). Todas as coisas que falamos estão ligadas à banda.

O problema de Scott está totalmente resolvido? Pode haver uma recaída?

O problema não tem cura. O principal é o viciado querer ficar limpo e sóbrio. Muitas pessoas estão na mesma situação. Elas têm o mundo nas mãos, mas jogam tudo fora. Mas Scott está bem agora.

Você acha que o juiz foi justo ao mandá-lo para a cadeia?

Não foi bem uma cadeia. Foi mais um centro fechado de reabilitação. O único consolo é que ele não foi jogado no meio de assassinos e estupradores. Ficou com outros usuários de drogas, o que foi bom. Por outro lado, o ser humano é um ser social. Ficar preso deve ser muito difícil. Jamais gostaria de enfrentar algo assim.

Drogas afetam muitas bandas. Como você aconselharia os artistas a lidarem com drogados em suas bandas?

Eu não desejaria o que passamos ao nosso pior inimigo. Foi dificílimo lidar com a situação. A banda deve ficar em segundo plano. Foda-se a banda! Vamos falar das famílias e das pessoas que amamos. O problema afeta tantas pessoas que é como uma corrente. Meu conselho é educar-se sobre o problema – saber quando ajudar e quando se distanciar. Numa hora, você precisa ajudar. Em outra, precisa se distanciar, caso contrário acabará piorando a situação. Não posso dar um prognóstico real. A situação de cada pessoa é diferente.

A imprensa sempre fala de Scott. Você, Eric e Robert também já tiveram problemas com drogas?

Meu único problema com drogas é que não tenho nenhum problema com elas. Adoro usar drogas. O fato de eu poder consumi-las surpreende Scott. Sei abusar e parar. Posso me controlar. Robert não gosta delas. Eric também tem pouco interesse. Mas eu adoro drogas.

Quais?

Todas!

Durante a separação, Scott lançou um disco-solo e vocês três lançaram um com

Fotos: Divulgação

Os integrantes pulam e se divertem numa cama de ar: um reflexo de como foram as gravações do novo disco, *Shangri-la Dee Da*

a banda Talk Show. Como esses álbuns fracassaram, você acha que os quatro membros do Stone Temple Pilots dependem um do outro?
Muito! A ausência nos fortificou. Aqueles álbuns foram experiências catárticas para ambos os lados. Foi uma época difícil e precisávamos nos distanciar. É por isso que estamos com nosso quinto disco agora. A grande lição que tiramos foi quanto significamos um para o outro.

Como *N°4* e *Tiny Music...*, *Shangri-La Dee Da* soa extremamente cru, como um disco dos anos 70. Como vocês atingem esse som gravando num estúdio moderno?
Não ficamos mexendo em computadores e coisas do tipo. Dá para notar quando um disco é feito com computadores: o som é perfeito, tudo colado e cortado perfeitamente. Fazemos discos mais naturalmente e tradicionalmente. Apenas entramos no estúdio e mandamos brasa nos instrumentos.

***Shangri-La Dee Da* seria um álbum duplo. Por que a idéia foi descartada?**
Nós quatro sabemos compor. Sabíamos que cada um faria pelo menos cinco músicas. Acabamos então com mais de 20 canções. O problema é que há muitas formas de entretenimento hoje em dia. Estamos na era dos computadores, principalmente na visão dos jovens. O computador pode tomar o dia inteiro das pessoas. Quem tem tempo para ouvir música? Um álbum duplo seria um pouco demais.

Por que vocês alugaram uma mansão para gravar o disco?
Antes de trabalhar no disco, fizemos uma de nossas melhores turnês por causa da sobriedade de Scott. As coisas ficaram bem fáceis. Músicos são crianças no coração. É legal acordar cedo, ir para a sala e dizer: "Ouçam o que compus". É bom ter tudo no mesmo local.

Graças aos problemas de Scott, o STP não toca no exterior desde 1994. O mercado internacional será um foco agora?
Espero que sim. Queremos muito tocar no Brasil. Vendemos muitos discos em alguns países, como a Austrália, mas nunca os visitamos. Estou ansioso para tocar na América do Sul. Ouvi falar que a cocaína é ótima lá...

Paciente sensatez

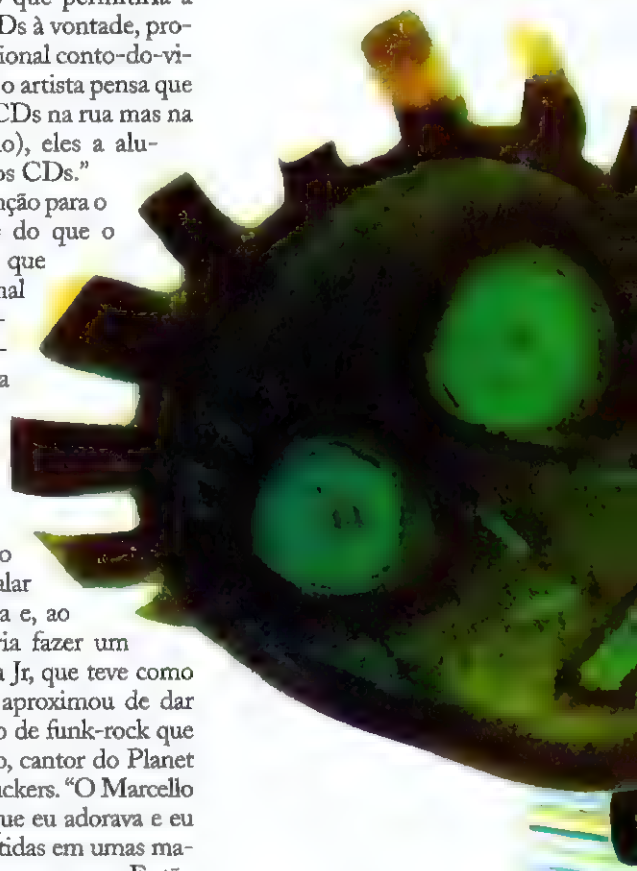
O trio carioca Vulgue Tostoi, que mistura rock com ritmos brasileiros e eletrônica, prefere fazer tudo no capricho, ainda que o sonho de viver com a grana do grupo continue distante

Por Bernardo Araujo

Quem ouviu o disco de estréia do trio carioca Vulgue Tostoi, *Impaciência*, sem ter muitas informações sobre a banda, pensou logo: "Ih, mais uma banda grava 'Vapor Barato' para tirar uma casquinha do sucesso do Rappa e do Zeca Baleiro". Os músicos, Jr Tostoi (guitarra e programações), Marcello H (voz e programações) e Vitinho (baixo e programações), são obrigados a dar de ombros, embora tenham um bom motivo.

"Essa versão que está no nosso disco foi gravada em dezembro de 1996, em quatro canais, antes que soubéssemos que O Rappa ou qualquer outro artista tivesse tido a mesma idéia", lembra Jr. "Mas nossa fama de banda lenta é a pura verdade, tudo conosco demora muito a acontecer. Só conseguimos lançar o disco porque batemos muito o pé, senão a gente ia ficar fazendo shows e nunca que ele sairia." Os dois últimos anos foram opostos para a banda: em 1999 os três não saíam dos palcos – chegaram a tocar em festivais como o Porão do Rock, em Brasília, e no Abril Pro Rock de 2000. "Era tanto show que nos faltava tempo para parar e acabar as gravações do disco", lembra Jr. "Só no ano passado resolvemos que ele ia para a rua nem que fosse independente. E aí pintou a Net Records", conta ele. A pequena gravadora que usa o esquema de distribuição e venda de CDs em bancas de jornais se aproximou dos três cariocas com um papo muito diferente do que haviam mandado as companhias multinacionais. "Depois do Abril Pro Rock muitas gravadoras se interessaram pela gente", diz Jr. "Mas o papo sempre foi ruim, parecia aquela coisa de caricatura, sabe? A gravadora quer que a banda mude seu som, grave músicas dos outros, isso aconteceu conosco. Então resolvemos guardar tudo até pintar uma proposta que nos agradasse. A Net nem quis comprar a nossa fita master (o que permitiria à gravadora prensar CDs à vontade, proporcionando o tradicional conto-do-vigário segundo o qual o artista pensa que tem um número de CDs na rua mas na verdade tem o triplo), eles a alugaram para prensar os CDs."

O que chama a atenção para o Vulgue Tostoi, mais do que o som moderninho que mistura rock tradicional a rap, ritmos brasileiros e batidas eletrônicas, é puramente a qualidade de suas composições. A parceria entre Jr e Marcello veio mais como brincadeira. "Eu estava de saco cheio de ter banda, ralar e não acontecer nada e, ao mesmo tempo, queria fazer um som diferente", conta Jr, que teve como banda "que mais se aproximou de dar certo" o Juliete, grupo de funk-rock que contava com BNegão, cantor do Planet Hemp e dos Funk Fuckers. "O Marcello tinha umas poesias que eu adorava e eu havia criado umas batidas em umas maquininhas que estavam em casa. Então começamos a unir as coisas e achamos legal, como projeto." Agitadores cariocas como o poeta Chacal ouviram o som e o Vulgue começou a andar. Embora este-



Vitinho, Marcello H e Jr Tostoi: amigos que se encontraram no underground carioca

Pedro Serra/Divulgação

VULGUE TOSTOI

Capa do disco de estréia do grupo, que foi lançado pela Net Records e pode ser comprado no site www.netrecords.com.br

jam em uma praia diferente de suas anteriores, os músicos sabem da importância de suas vidas pregressas: Jr já tocou com Lobão e com Paulo Ricardo (ainda no início da fase baba), e Marcello era do Akbal, banda que tinha se chamado God's Zoo e, antes disso, Broken Heart, um dos poucos grupos de hard rock do Rio a durar mais do que dois saraus. "Uma vez nos cruzamos no Garage", lembra Jr, "ele tocando com o Akbal e eu com o Juliete, mas ainda não nos conhecíamos". Vitinho veio de uma banda do underground carioca, a Minha Mãe. "Era a minha banda preferida", baba Jr.

Os três tocam a banda ao mesmo tempo que desempenham as profissões que lhes permitem quitar as contas: Jr é integrante da banda de Lenine, Marcello é artista plástico (curiosidade: é marido da atriz Larissa Bracher, de *Chiquititas*) e Vitinho é técnico em um estúdio carioca. "Claro que temos o sonho de viver da banda, mas por enquanto vamos tocando do jeito que dá", diz Jr. Ele reconhece que o Vulgue ainda causa estranheza em alguns lugares por onde toca. "Tem gente que fica parada, sacando o som, outros começam a dançar, é legal observar", conta ele, que considera o show do festival em Recife um dos mais bem-sucedidos da curta carreira da banda. "Afora os chatos que vêem o minidisc (de onde saem os sons eletrônicos) e acham que a gente faz play-back", lembra Marcello. Ao vivo, o Vulgue é reforçado por um baterista (seis já se apresentaram com a banda e, atualmente, três estão ensaiados: Pedro, do Jason, o baterista e produtor Jongui e Cristiano Galvão, da banda de Zélia Duncan) e seus shows duram, em média, 40 minutos. Jr garante que não é por esnobismo. "São músicas desconhecidas para a maioria das pessoas, ninguém agüenta ouvir um tempão de show sem conhecer nada", justifica ele, dizendo que uma apresentação pode durar até uma hora, "se a galera gostar muito e pedir bis". Atualmente o grupo tenta voltar à freqüência de shows de 1999, já que em 2000 Marcello estava na Argentina por causa da novela estrelada por Larissa, e as apresentações ao vivo foram raras. "Estamos dispostos a investir, não a pagar para tocar", diz Jr. "Sabe como é, a gente faz as coisas aos poucos, com muito cuidado..." Nada como a maturidade.

Gabriel faz de conta que enforca Itaal Shur, produtor de seu novo CD

Mateus Maxx

O rap errou

★★½☆☆

Gabriel O Pensador
Seja Você Mesmo. Mas Não Seja Sempre O Mesmo
Chaos/Sony

☆☆☆☆☆

Nocaute
CD Pirata
Black Groove/Sony

Gabriel O Pensador e o quinteto Nocaute se parecem em três aspectos. São cariocas, distribuídos pela multinacional Sony Music e misturam hip hop com rock em seus novos trabalhos. Ambos também pecam, mas de maneira muito distinta.

Gabriel é esperto. No rap nacional, ninguém chega a seus pés. É tão esperto que sabe que nunca atingirá o público roots: aqueles radicais da periferia, que aceitam a bobageira dos manos e das minas de um Xis, mas incriminam o cabeludo por seu caderninho telefônico. Seu olhão cresce para outras audiências. Por isso, ele botou até heavy metal no disco novo. Conseguiu o produtor Itaal Shur (de Supernatural, do Santana) para dar um trato nas guitarras e garantir alguns hits. As letras são tão oscilantes como tudo em sua carreira. Talvez não exista nada tão "na mosca" quanto as saudosas "Retrato De Um Playboy", "Loraburra" e "Estudo Errado". Mas o primeiro single, "Até Quando?", impressiona. Gabriel aproveita a situação caótica do país para intimar o povo. Pena que entra um protesto contra a polícia no meio – o maior clichê do universo – e compromete o resultado final. Enfim, ele e sua inteligência só não vão mais longe pelas amarras que o discurso hip hop impõem. Porque hip hop é sempre hip hop, mesmo para quem não dá a mínima para o movimento ou para quem o mistura com o rock.

O problema do paupérrimo Nocaute, que abre seu segundo álbum reclamando dos que não aceitam a fusão do rap com outros elementos ("É Proibido Tocar") e convidam Gabriel para a faixa "Dificuldade" é outro. Chama-se burrice. E o ponto culminante é a música "CD Pirata": um desserviço, de letra reacionária, mentirosa, constrangedora e que foi feita para agradar ao presidente da gravadora. Não vai dar para explicar tudo num espaço tão curto, mas artista brasileiro ganha quase nada sobre a vendagem de seus álbuns, que não são numerados e chegam ao consumidor por um preço absurdo. Era muito difícil considerar esses aspectos? O mais ridículo é que nenhum camelô vai se dar ao trabalho de piratear o disco deles.

José Flávio Júnior

★★★½☆

Mariana Davies
Mariana Davies
Indie Records/Universal
Uma garota para tratar bem o velho rock'n'roll

Seja bem-vinda, Mariana Davies. Você e sua guitarra, seu pop rock simples, suas canções bem arranjadas. É triste admitir, mas no mainstream brasileiro não existe uma roqueira de relevância. Sim, porque Cássia Eller não é rock: atitude estereotipada, peito de fora e palavrão, só engana e agrada aos consumidores de MPB. Mas essa cantora carioca de 26 anos estréia nos trinques. Suas letras podem soar banais ao tratar de relacionamentos em geral, mas ficam em segundo plano nas 13 faixas. Bom mesmo é a noção de melodia da moça. Refrãos que crescem emoldurados de belos riffs e órgãos esporádicos. Material altamente assobiável. Os dedilhados e as mudanças harmônicas de "Melhor Pra Mim" são irresistíveis. Mariana também gruda nas faixas "Lado B", "Hoje Eu Quero Dormir", "A Última Vez", "Se 1 Beijo", "Colcha De Retalhos" e na primeira música de trabalho, "Por Hoje". É justo dar crédito à produção de Roberto Lly, mas a verdade é que apenas uma composição do disco não é da cantora, "Disco Voador", de Rita Lee. Eta, se não é Rita? O rock de saia tinha parado nela! Viu como precisávamos de novos ventos? **JFJr**

Para quem gosta de:
Stereophonics, Wallflowers, Sheryl Crow, Tom Petty

★★½☆☆

Kid Abelha
Surf
Universal

Banda não consegue ficar em cima da prancha

Este é o novo disco do Kid Abelha, *Surf*. Depois de ouvir as 11 faixas, é isso que dá vontade de escrever: nada. Aparentemente, a mesma vontade que eles tiveram para fazer o álbum. O começo é animado, com a batida dançante e os efeitinhos de "Eu Contra A Noite". Segue com o mesmo entusiasmo por "3 Garotas Na Calçada". Depois disso, as bases eletrônicas e o clima cool mandam uma marola atrás da outra, seja pelas famosas praias ao redor do mundo em "O Rei Do Salão" (onde os refrãos citam nomes como Joaquina e Waikiki), seja num Rio de Janeiro nublado e cinzento de "Gávea – Posto 6". Tem ainda "Ressaca 99", que os paulistas poderiam adotar como trilha sonora de engarrafamento na descida da serra em feriadão ("Vale a pena esperar/Todos vão à praia pra ver o mar"), e outras vagarosas faixas, como as produzidas por Max de Castro. Em "Solidão, Bom Dia!", Paula Toller consegue explicar o clima de "dia comum" ou "praia no inverno" do álbum: "Ninguém faz aniversário/Não chegou o verão/Nada de extraordinário". **FB**

★☆☆☆☆

Os Kmaradas
Os Kmaradas
Continental/Warner

Mais um agrupamento de rapazes nada talentosos

A música jovem produzida no Brasil, com raríssimas exceções, parece cada vez mais ser um caso perdido. Será que os diretores artísticos das gravadoras não sentem um mínimo de vergonha das merdas que eles lançam no mercado? Veja esse sexteto paulistano chamado Os Kmaradas. Fizeram tudo errado: o nome da banda, a capa do disco, o jeito "mano" de cantar do vocalista, o batido mix de rock com outras vertentes sonoras, as referências à maconha, o humor escrachado, a balada romântica à Maurício Manieri, o roubo do baixo de "Groove Is In The Heart" (Deee-Lite) em "Pobre De Marré"... Mas nada se compara à citação ao quinteto liderado por Chorão no refrão de "Os Seis Manés", que diz: "Os seis manés, sentido litoral/Curtindo Red Hot, Bob Marley, Charlie Brown". Tá rindo, é? E se eles fizerem sucesso, como aconteceu com o Surto? Devo avisar que esses gênios ainda gravaram uma "releitura" semi-eletrônica de "Inútil", do Ultraje A Rigor. A ironia de Roger Moreira nunca soou tão triste. É o fim? **JFJr**

Indiescutíveis

★★★½☆

Sala Especial
Sala Especial
Bizarre Music
(www.bizarremusic.com.br)

★★★☆☆

Forgotten Boys
Forgotten Boys
Ataque Frontal
(www.ataquefrontal.com)

★★★★☆

Thee Butchers' Orchestra
Golden Hits By...
Ordinary Recordings

Divulgação

O Butchers Orchestra, cujo disco pode ser comprado no site www.ordinary.somewhere.net

Como em qualquer tipo de sociedade, o underground possui sua pirâmide hierárquica. Na base, temos os novatos, aqueles que ainda fazem shows só para amigos. No miolo, os grupos que por algum motivo já conseguiram despertar certa curiosidade. E no topo estão eles, os superstars do mundo independente, que já venderam milhares de fitas-demo, abriram o show de alguma banda gringa cultuada no meio e sempre atraem um bom número de pessoas para suas próprias apresentações ao vivo. Sala Especial, Forgotten Boys e Thee Butchers' Orchestra fazem parte dessa elite do underground. Inspirado na Jovem Guarda e no lounge de Burt Bacharach, o rock instrumental dos paulistanos do Sala Especial finalmente saiu em CD. Trata-se de um EP com quatro ótimas composições próprias, de melodias dançantes e inspirados solos de guitarra. Técnicas modernas de gravação foram usadas e a produção não economizou nos efeitos (que chegam até a simular instrumentos).

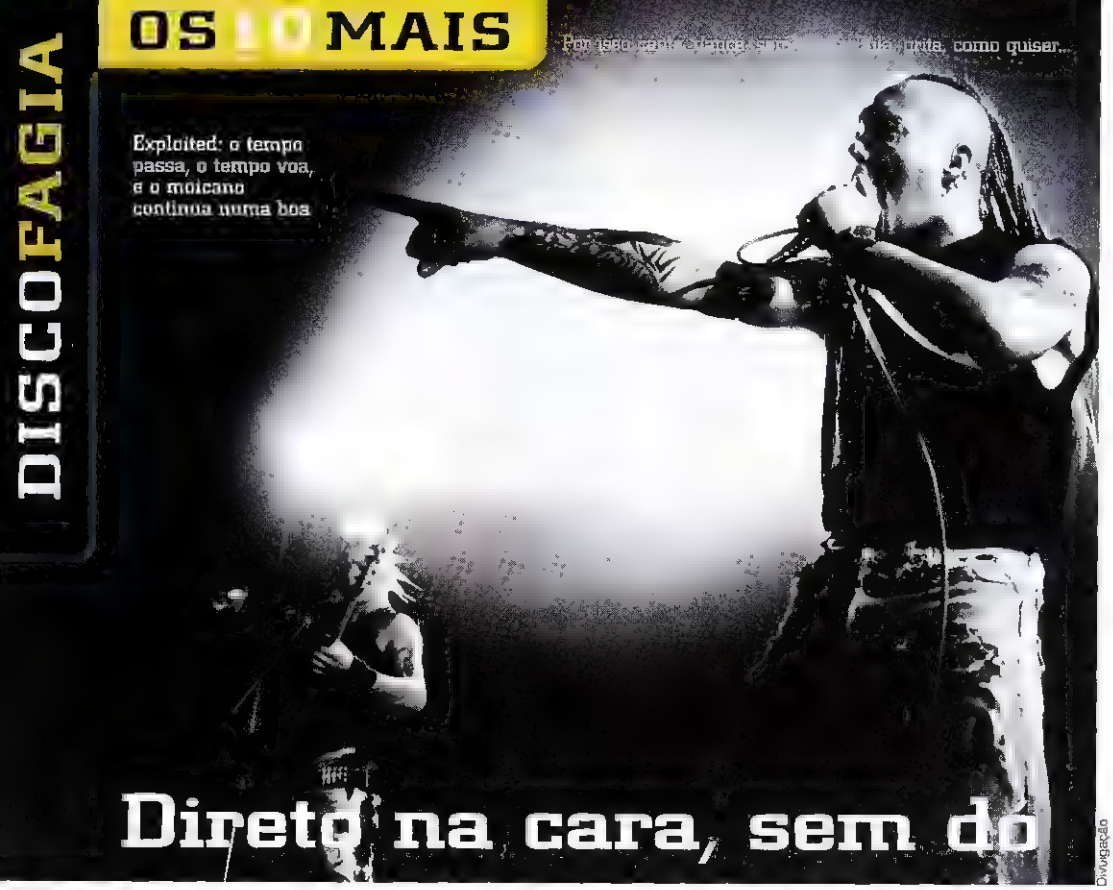
Para entender o Forgotten Boys é simples: imagine uma banda de festa de formatura da década de 50, 60 com pegada punk rock e um vocal puxado para o do vocalista do Ween. Ah, sim, mais um tecladinho aqui, um sax ali, uns corinhos acolá.

No caso do The Golden Hits By TBO, tome fôlego antes de apertar o play. O segundo disco da banda é um mergulho contra uma forte correnteza, sem nenhum momento de calmaria. Gravado ao vivo numa garagem (fazendo jus ao estilo do grupo), é energético, vigoroso e excitante, fiel às apresentações do trio.

Três trabalhos que devem fazer seus autores crescerem ainda mais no meio que já dominam.

Fabiana Batistela

OS MAIS



Exploited: o tempo passa, o tempo voa, e o moicano continua numa boa

Direto na cara, sem do

Divulgação

Cru, panfletário e sem o cinismo do punk, o hardcore tornou-se o veículo ideal para detonar governos corruptos, desigualdade social ou a vida besta

Não deve ter coisa mais casca de ferida do que tentar definir o hardcore. Hardcore estilo de música. Hardcore estilo de vida. Hardcore ideologia. Sua história se confunde com os rumos tomados pelo punk rock no início da década de 80 e com as diversas vertentes que surgiram na virada para os anos 90.

A herança do lema *do it yourself* (faça você mesmo) levou genuínos garotos do subúrbio, e não ex-hippies e artistas plásticos antenados, a empunhar suas guitarras e vociferar críticas ao sistema, aos governantes e ao vizinho reacionário. Assim mesmo: cru, panfletário, sem o cinismo debochado do punk.

O ano de 1980 pode ser considerado o epicentro deste deslocamento das placas tectônicas da música. O Dead Kennedys tocava o puteiro na conservadora São Francisco com seu recém-lançado *Fresh Fruit For Rotting Vegetables*. A Europa passava sabão no moicano e novas bandas davam seqüência às provocações de Johnny Rotten direcionadas à vida besta dos britânicos.

A Finlândia chegou a ter o maior número de bandas de hardcore por quilômetro quadrado e uma das mais bacanas se chamava Rattus. Mais ou menos como o Brasil, onde o marco inicial pode ser considerado o festival punk O Começo do Fim do Mundo, de 1982, e contava com o Ratos De Porão como um de seus mais ilustres representantes.

Em cada canto do mundo, um estilo se desenvolvia. Daquele hardcore propriamente dito, descendente direto do punk, como GBH e Discharge, às combinações com heavy metal do Morbid Angel e Napalm Death. Do noisecore de Extreme Noise Terror e 7 Seconds, com músicas que duram 3 segundos, ao hardcore melódico de Mr. T Experience e Down By Law.

O punk/hardcore californiano do Black Flag (onde Henry Rollins dizia que beber cerveja e ver televisão é que era o canal, além de outras verdades mais sérias), o nova-iorquino do Sick Of It All e Gorilla Biscuits e um até hoje não muito bem decifrado estilo de hardcore mais introspectivo, que originou Hüsker Dü, Minutemen e até Soul Asylum, foram a pedra fundamental do tal rock alternativo americano da década de 90.

Grind, thrash, e até o novíssimo emo foram associados à palavra core. Graças ao hardcore de ontem, a meninada hoje tem Offspring, NoFX, Pennywise, Nirvana e Weezer para embalar o pogo do fim de semana. Tem até Charlie Brown Jr. e Raimundos. Agora, vai tentar explicar isso... Não falei que era difícil?

Renato Yada

Dead Kennedys
Fresh Fruit For Rotting Vegetables (1980)
A bomba de Hiroshima do punk. Dessa estréia, que influenciou várias gerações, saíram hinos como "Kill The Poor", "Holiday In Cambodja" e "California Übber Alles". O grupo conseguiu fazer do punk uma das mais poderosas armas políticas da história. A linguagem anarco-terrorista está tanto no visual quanto no ponto de vista melódico. A edição nacional, em vinil branco e superpôster fanzinesco, é item de colecionador.

GBH
City Babies Attacked By Rats (1980)
Os malucos do GBH são os responsáveis por ter existido o crossover punk-metal. "Time Bomb", "Sick Boy" e "City Babies Attacked By Rats" são as evidências mais incriminadoras. Guitarras no estilo motosserra que fazem as de Steve Jones (Sex Pistols) e Joe Strummer (The Clash) parecerem cavaquinho. A banda segue levando seu estilo de hardcore para os palcos do mundo inteiro. Até o Brasil pôde conferir, em 1999.

Exploited
Punk's Not Dead (1982)
Fiéis ao tradicional punk e hardcore inglês (nunca dispensando um bom moicano e uma jaqueta de couro malhada com tachinhas e rebites) até os dias de hoje, o Exploited lançou o seu *Nevermind The Bollocks* dos anos 80. "Sex And Violence", "Cop Car", "Punk's Not Dead" e "I Believe In Anarchy" são mais do que suficientes para tornar esse disco fundamental. O ponteiro do "pogômetro" (*N. do E.: pogo é a dança característica do movimento*) indica 99,9%.

Bad Brains
Rock For Light (1983)
Banda de reggae? Não exatamente. Quatro crioulos de dreadlocks formam o mais nervoso grupo de hardcore de que se tem notícia. A facilidade com que HR, Earl Hudson, Dr. Know e Darryl Aaron Jenifer transitam entre o dub e reggae e o hardcore frenético arranca suspiros de platéias até hoje, pois voltaram à ativa com a formação original. Com produção de Ric Ocasek, *Rock For Light* é ou foi influência constante para nomes como Living Colour e Chili Peppers.

Descendents
All (1987)
Os Descendents são sem dúvida a melhor banda de skate rock do planeta. Culpa do carisma do seu vocalista original Milo Aukerman, que não se envergonhava de cantar músicas sobre relacionamentos amorosos, corações partidos e panfletagem pseudopolíticas em um mesmo álbum. Pode-se dizer que *All* é a linha que separa os homens dos meninos em meio a esse horroroso rótulo "hardcore melódico". Dica: ouça "Coolidge" com um skate nos pés.

Bad Religion
80-85 (1991)
A coletânea essencial de qualquer fã do Bad Religion e do hardcore californiano. A curiosidade é que o CD foi totalmente remasterizado de um vinil porque as fitas originais se derreteram em um incêndio. Desgraças à parte, as 28 músicas sobreviveram e foram extraídas dos primeiros cinco anos de carreira do mais influente grupo californiano. Existe também a coletânea *All Ages*, que cobre a fase tardia da banda, mas nem precisa dizer que o néctar está em *80-85*.

Vários
O Começo Do Fim Do Mundo (1982)
Gravado ao vivo em mínimos dois canais no importante ano de 1982, durante o festival que reuniu mais de 20 bandas – Cólera, Olho Seco, Ratos De Porão e Inocentes entre elas. Trata-se do primeiro registro do movimento punk no Brasil. Mas o som, definitivamente, era hardcore. Coisa rara de se ver em vinil. Com muita sorte, dá para achar alguma cópia na Galeria do Rock paulistana. O preço? Altíssimo. Apenas 500 cópias foram prensadas.

Ratos De Porão
Crucificados Pelo Sistema (1984)
A popularidade mundial dos Ratos deve-se muito a esse disco de estréia. Cru, podre e absurdamente barulhento, como todo bom hardcore deve ser. Tanto que o selo americano Alternative Tentacles (de Jello Biafra, dos Dead Kennedys) lançou recentemente a versão para o novo milênio desse clássico, rebatizada de *Sistemados Pelo Crucifa*: todas as canções foram regravadas e, como bônus gigante, há uma faixa que inclui o álbum original na íntegra.

Fugazi
13 Songs (1989)
Ian Mackaye realiza mais uma demonstração do seu tipo de som "para pensar", característica marcante desde os tempos em que integrava o Minor Threat. A faixa de abertura, "Waiting Room", no seu estilo quebrado totalmente fora do convencional e nem por isso menos influente, já dá uma idéia do que vai rolar. Não é de estranhar, vindo de um cara que exige que seus shows tenham preços abaixo do habitual e sem limite de censura por idade.

Raimundos
Raimundos (1994)
Quando você pensava que não cabia mais nenhuma classificação, a molecada de Brasília surgia com o tal de forró-core. Depois, serviu de referência para toda e qualquer gravadora interessada em algo mais tosco para seu elenco, aumentando assim a densidade demográfica de bandas metidas a engraçadinhas nas prateleiras. Mas "Puteiro Em João Pessoa", "Palhas Do Coqueiro" e "Nêga Jurema" já estão na lista das melhores músicas compostas em solo brasileiro.

Músicas para ouvir, aprender e produzir

O homem por trás da mesa de som de álbuns de Skank, Pato Fu e Jota Quest, Dudu Marote guarda quase 4 mil CDs, todos numerados, que são usados tanto para fornecer trilhas e inspiração para seu estúdio quanto para futuros trabalhos

Na parede, discos de ouro e de platina conquistados por trabalhos com Skank, Pato Fu, Jota Quest, Adriana Calcanhoto e Mauricio Manieri. Seis, sete, oito... É, não deixa de ser uma coleção. Dudu Marote é poupado desse comentário ao chegar em uma das salas de seu estúdio, na zona oeste de São Paulo. Dali, uma escada desce para um escritório e, em outra salinha (que não vai demorar muito para lotar), fica a verdadeira coleção do produtor: cerca de 4 mil CDs acomodados em estantes que tomam uma parede inteira. "Os vinis eu deixo em casa", desculpa-se o proprietário. Coisa pouca, "uns 200", pelas suas contas. Encabeçando a pilha de LPs que ele trouxe para ilustrar a reportagem, um álbum de Roberval Taylor, um radialista interpretado por Chico Anysio. Começou bem.

Apesar do cartaz na porta restringindo o acesso, a preciosa salinha fornece inspiração e material para todo o estúdio, que também produz trilhas para publicidade – não falta, inclusive, um armário cheio de discos de efeitos sonoros. Há uma organização, claro. Os CDs são numerados por ordem de chegada, com etiquetas brancas coladas na lombada. Para localizá-los, Marote recorre a uma "apostila", na qual os artistas estão listados de A a Z ao lado de seu número correspondente. É um método que exige atualização a cada novo item, mas funciona e qualquer um entende. E, por mais profissional que pareça, o sistema acaba revelando um dado pessoal do produtor: as fases pelas quais passou. Entre o 1000 e o 2000, por exemplo, rolou um ciclo jamaicano.

Marote explica: "Isso foi entre 1991 e 1992. Depois de descobrir o Beats International *(projeto de Norman Cook antes de virar Fatboy Slim)*, caí na Jamaica que me interessava – ska, rock steady, dub". Na época, ele estava produzindo uma banda de Santo André (SP), Vaca De Pelúcia, um dos dois grupos nacionais inclinados para o ragga e o dancehall. O outro era o Skank, com quem anos mais tarde o produtor iria pôr em prática as influências adquiridas nesse período. "Também apresentava um programa, o *Versão Brasileira*, na Nova FM, de dance music. Como não tinha dance nacional, botava rap, Tim Maia... Fui o primeiro a tocar Racionais no rádio, 'Pânico Na Zona Sul'", garante.

MOLEQUE PROGRESSIVO

O contato com o quarteto mineiro deu-se em 1993, por meio de um remix para a faixa "Baixada News", do álbum *Skank*. Iniciava uma parceria que renderia os bem-sucedidos *Calango* (1994) e *O Samba Poconé* (1996) e traria mais convites a Marote. A coleção acompanhou a corrente. "Degringolou geral. Comprava de tudo", diz ele. Nem sempre foi assim. Nos anos 70, no bairro do Tatuapé, na zona leste de São Paulo, vivia um moleque radical. "Curtia Chico Buarque, ouvia direto, e Beatles. Mas foi com o rock progressivo que passei a gostar de discos. Eu tocava piano, e meus grandes ídolos eram Rick Wakeman e Keith Emerson (do Emerson, Lake & Palmer). Nos anos 80, enchi o saco e joguei tudo fora."

Na adolescência, atacou de discoteca. "Não conhecia punk e o reggae eu descobri com 'Não Chore Mais', de Gilberto Gil (do álbum *Realce*, de 1979)", justifica-se. Foi fazer "música seqüenciada" ("sempre gostei") com a banda Tarsila. Para garantir, o jovem Dudu estudava engenharia e direito. Em 1985, entrou no grupo Degradé, que deixou o minihit "Mais Que Um Sonhador" para a posteridade. A partir daí, choques consecutivos com discos do Art Of Noise, Paralamas Do Sucesso, De Falla e Beats International prepararam o futuro produtor para a década seguinte *(veja boxes)*. No meio de tudo, o rap. O primeiro disco produzido por Marote foi a compilação *Hip Hop Cultura De Rua* (1988). "É ruim, ninguém sabia o que estava fazendo", admite.

TECH HOUSE NA VEIA

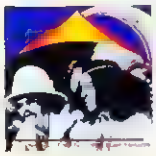
De 1999 para cá, suas prateleiras voltaram a contar com um estilo dominante. "Minha aproximação com a eletrônica foi por meio do drum'n'bass e, principalmente, do Marky", conta. "Isso me fez encarar novamente a música com ouvidos de curtidor", garante o fã de tech step, vertente mais pesada do gênero ("o que os cibermanos curtem"). Marote prefere as compilações em vez de álbuns de apenas um projeto. "Você acaba gostando mais de selos", afirma, puxando CDs de coletâneas. "Tenho essa aqui, da gravadora escocesa Soma, e outra do Eukatech/Eukahouse."

Dentro do universo digital, o que está fazendo sua cabeça agora é tech house – "uma batida com o suingue do techno e a harmonia da house", ensina – e vinis, que foram revalorizados com o advento da eletrônica. "Ando comprando muita MPB antiga", confessa. Os últimos foram um LP de Ed Lincoln e um de Elis Regina & Toots Thieleman (*Honeysuckle Rose/ Aquarela Do Brasil*), de 1969. Dois álbuns de artistas brasileiros que ele só encontrou, para variar, em Londres.

Emerson Gasperin

Fotos [illegible] Queiroz

PRIMEIRO DISCO



"Acho que foi um compacto da novela ***Carinhoso***, quando eu tinha 7, 8 anos. Mas o primeiro mesmo foi o LP do **Roberval Taylor**. Eu era fã do Chico Anysio e do Baiano E Os Novos Caetanos *(grupo que o comediante fez com o ator Arnaud Rodrigues, parodiando os Novos Baianos)*."

CHOQUE SÔNICO

"O **Art Of Noise** foi a primeira banda que subverteu os conceitos do pop. Veja esse disco aqui, ***Who's Afraid Of...***: não tem fotos do grupo, nada. O que interessava era a música, não as pessoas. Mudou minha vida, saí do Degradê na hora."

PARA TRANSAR

"Esse ***G-Stone Recordings***, de **Kruder & Dorfmeister**, é mais na manha. Já a ***Tresor Compilation Vol. 7*** é uma tecnera pesada, boa para o sexo animal."

ALTA ROTAÇÃO

"O **Bad Company** mostra como a música eletrônica pode ser visceral e dançante. Para não confundir com o Bad Company roqueiro, eles assinam só BC."

A PRODUÇÃO

"***Calango***, do **Skank**. Foi um casamento perfeito, ambos pesquisavam o mesmo tipo de música. Eu já estava no estágio onde eles queriam chegar, então foi muito fácil."

PIROU O CABEÇÃO

"***Selvagem?***, dos **Paralamas**, confundiu minha cabeça. Na época, ouvia New Order e Art Of Noise e, de repente, descobri que podia ter Brasil na parada!"

CHOQUE SÔNICO II

"O ***Kingzobullshit***, do **DeFalla**, mudou minha cabeça de novo. O co-produtor do disco, Vicente Rubina, tinha um primo que morava no Belém. Um dia, fomos apresentandos e ele estava fazendo esse álbum. Então, eu ficava sabendo de todas as pirações. Daí, pintou o Beats International. Foram os dois discos que me formaram na década de 90."

Eletrônica fez o produtor voltar a escutar discos com ouvidos de curtidor

DISCOTECA BÁSICA

Scott Reeder, John Garcia, Brant Bjork e Josh Homme: a formação que tocou na turnê

Compre, grave, roube: o importante é ter esta obra em casa

Ano de lançamento: 1992
Produção: Chris Goss
Músicas: "Thumb" • "Green Machine" • "Molten Universe" • "50 Million Year Trip (Downside Up)" • "Thong Song" • "Apothecaries' Weight" • "Caterpillar March" • "Freedom Run" • "800" • "Writhe" • "Capsized" • "Allen's Wrench" • "Mondo Generator" • "Yean"

Foram produzidos videoclipes das faixas "Thong Song" (ainda com Nick no baixo) e "Green Machine" (já com Scott). O disco teve edição nacional na época em que foi lançado, bem como o seguinte, *Sky Valley*.

O som escaldante do deserto californiano

Rock pesado e viajandão, guiado por uma guitarra malandramente ligada num amplificador de contrabaixo: ainda não inventaram nada parecido com *Blues For The Red Sun*, álbum definitivo do Kyuss

O Velvet Underground foi um grupo que, durante seu pequeno período de existência, passou quase batido. Hoje é referência para nove entre dez artistas indie/lo-fi. Disse um crítico americano que o Kyuss é o Velvet Underground de sua seara. Só poderemos comprovar daqui umas duas décadas, mas a tese é boa.

Formada na cidade californiana Palm Desert, a banda durou cerca de seis anos (1990-1995) e lançou quatro álbuns. A época é relativa à adolescência do guitarrista Josh Homme, que fundou o Kyuss na tenra idade de 16 anos, ao lado do baixista Nick Oliveri (que tinha 17), do vocalista John Garcia e do baterista Brant Bjork (hoje no Fu Manchu). Ele teve a puberdade dos sonhos de qualquer jovem roqueiro: terminou o colegial, viajou o mundo tocando, foi chamado de deus e, quando o lance ficou repetitivo e chato, saiu do mundo do rock, entrou na faculdade e arrumou um emprego de adulto. (Mais tarde, graças às pressões dos chapas do Screaming Trees, com quem ele tocava esporadicamente, Josh montou o Queens Of The Stone Age e se deu ao luxo de convidar Mark Lannegan, ex-vocalista do ST, para integrar seu grupo – o convite foi aceito em maio deste ano.)

Foi na turnê do álbum de estréia, o cru *Wretch*, que a banda conheceu seu quinto membro. Chris Goss, ex-integrante da seminal Masters Of Reality, chapou com a performance e se tornou o responsável por toda a produção do Kyuss. Aquele hard rock, ora bem lento, ora bem rápido, com muito groove e quase sempre viajandão, precisava de alguém que soubesse fazer o solo tremer na mesa de som.

Josh plugava sua guitarra Ovation UK II preta num amplificador de baixo, a afinava o mais grave possível, pisava no fuzz e saia compondo riffs turbinados com a urgência de um garoto que acabara de tirar a habilitação para dirigir. É por isso que a seqüência inicial de *Blues For The Red Sun*, com "Thumb", "Green Machine", "Molten Universe" e "50 Million Year Trip (Downside Up)", cheira a estrada empoeirada. O grupo, que no início de carreira (quando se chamava Sons Of Kyuss) promovia grandes festas no meio do deserto californiano usando geradores, onde tocava por horas a fio, transporta o ouvinte para esse ermo. Quente, seco, duro. Mas com um sangue atmosférico quase sensual, culpa do baixo do então cabeludo e "desbarbado" Nick Oliveri – substituído por Scott Reeder na turnê do disco. "50 Million..." é o maior exemplo: um rock que dá vontade de balançar a cabeça e a cintura ao mesmo tempo. Depois dela vem a filosofia de "Thong Song". "Meu cabelo é compridão/Nenhum cérebro, só músculo/(...) Eu odeio música devagar", canta Garcia, sem a menor culpa, como que sorvendo goles de cerveja entre os versos. Das 14 faixas, apenas oito possuem letra. Existe uma preocupação muito grande com o instrumental, vinhetas e introduções, como acontece em "Freedom Run" (sete minutos e meio de psicodelia e "lesação").

Dave Grohl, Billy Corgan, Melissa Auf Der Maur e muita gente boa da cúpula do rock bota *Blues For The Red Sun* entre os dez discos da vida (há os que preferem o abusado *Welcome To Sky Valley*, com suas três suítes musicais, cada uma dividida em várias partes). Um pouco da magnitude do Kyuss pode ser medida pela qualidade das bandas que excursionaram junto: Faith No More, Smashing Pumpkins, Ween... Ver Josh tirando aquele som lindo era (e sempre será) uma experiência mais do que incandescente.

José Flávio Júnior

associação viva e deixe viver

Viva News

INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER Nº 2

Editorial

Em setembro de 97 tive a oportunidade de ser convidado para a abertura oficial do verão na Bahia. Muitas pessoas do mercado publicitário de São Paulo foram convidadas, entre elas Keila Kimiyo Tamaki, que se tornaria a segunda contadora de histórias e diretora na constituição estatutária da associação.

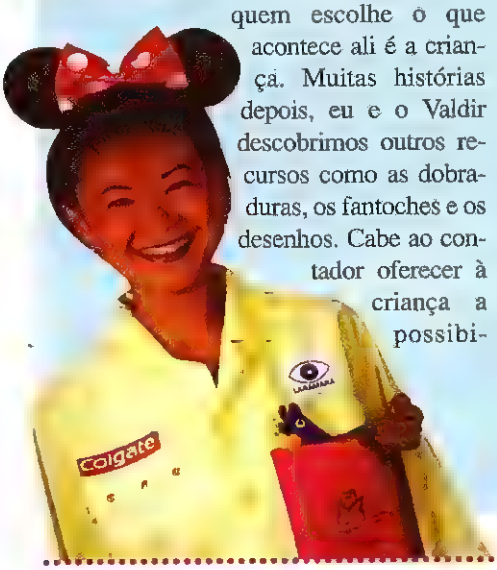
Acredito que todos os santos estavam a favor desse encontro. Num passeio de escuna, comecei a contar sobre as minhas aventuras com as crianças no I.I. Emílio Ribas para um grupo de amigos. Keila estava entre eles e escutava atentamente as histórias. Logo se interessou pela ação e disse que gostaria de conhecer esse trabalho voluntário. O convite foi feito de bate pronto, e a propaganda boca a boca acabou surtindo um grande efeito.

Voltando para o hotel, tivemos uma surpresa. Encontramos duas grandes personalidades da nossa literatura, Zélia Gattai e Jorge Amado. Foi um encontro único, de um aperto de mão e um cheiro. Com certeza eles até hoje não sabem quem somos, mas, para nós, era um grande presságio: a confirmação de que eu estava no caminho certo. Estimular a leitura para as crianças hospitalizadas é perceber a grande oportunidade de transformar o ambiente amedrontador de um hospital em um momento mais feliz.

Valdir Cimino
Diretor-Fundador

Sinto-me criança como elas

Esqueça o *script* que você decorou e prepare-se para grandes aventuras. No primeiro dia que fui ao hospital, já cheguei perguntando ao Zequinha, toda meiga: – Quer ouvir uma historinha? Ele respondeu seco: – Não! Lição número 1: quem escolhe o que acontece ali é a criança. Muitas histórias depois, eu e o Valdir descobrimos outros recursos como as dobraduras, os fantoches e os desenhos. Cabe ao contador oferecer à criança a possibilidade de ela inventar a própria história.



"Quando conheci o Pedrinho, ele só falava: leite, papá e pedaço de pão. Não conversava com ninguém, não tinha amiguinhos, não prestava atenção nas histórias. Um mês depois, ele esperava pelos contadores no corredor. O que mais essas crianças precisam é carinho e atenção. Os livros não levam isso a elas. Nós levamos, através dos livros e das histórias."

Se você quer contar histórias, um aviso: não é fácil. "No começo, eu me sentia a Keila, publicitária, contando histórias para as crianças. Agora, me sinto criança quando estou com elas. É uma relação de igual para igual. Eu entro no clima, não tenho o que esconder, penso como elas. Não preciso vestir a roupinha da criança para ela nascer em mim. Ela está lá dentro de mim. Eu só precisei resgatá-la."

Keila K. Tamaki
Publicitária e voluntária

Sem contra-indicação

Minha história com a associação começa desde o tempo em que Valdir Cimino, fundador do "Viva", era contador de histórias no Hospital Emílio Ribas. Tive, assim, a oportunidade e o prazer de ver esse projeto evoluir e se tornar o que todos conhecem hoje em dia.

Mas, com certeza, esse crescimento não foi por acaso. Existe por trás disso o trabalho voluntário que mobiliza uma centena de pessoas e empresas, que graças à oportunidade que lhes foi concedida puderam exercer a mais nobre das atividades: ajudar ao próximo, sem esperar nada em troca, usufruindo a melhor remuneração: a satisfação de saber que contribuiu para uma sociedade melhor.

Convido a todos iniciar uma trajetória junto ao 3º setor. Posso garantir, faz bem à saúde e não tem contra-indicação.

Roberto Antonio Maccioni
Diretor da I+9 Design e voluntário

Apoio: LARAMARA · SÍMBOLO · Instituto de Gráfica GARILLI

Para saber mais sobre o Viva, fale com a gente! Telefone (0XX11) 3865-2613 - site: www.vivaedeixeviver.org.br
Rua Venâncio Aires, 157, CEP 05024 030 - Perdizes São Paulo - SP

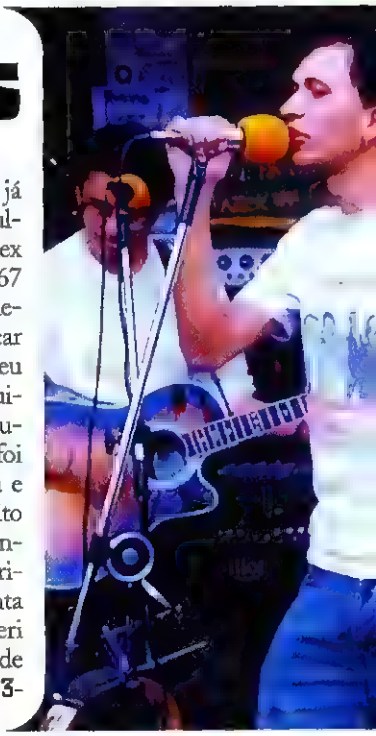
☐ **Sim, eu quero ajudar a Associação Viva e Deixe Viver a alegrar a vida de muitas crianças hospitalizadas.**

Nome: _____
Endereço: _____ Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Telefone: _____ Fax: _____ e-mail: _____

DOAÇÃO MENSAL: ☐ R$ 20,00 ☐ mais de R$ 20,00
☐ CARTÃO DE CRÉDITO ☐ Mastercard ☐ Visa ☐ American Express Nº do Cartão: _____ Validade: ___/___
☐ BOLETO BANCÁRIO CPF Nº _____ ASSINATURA _____

Por Fabiana Batistela
Discos independentes, demos e fanzines:
envie para Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP

Carros **amigos**



Eles dizem que suas influências vão de Rush a Bikini Kill e que decidiram formar a banda depois de ouvir o álbum *Pure Guava*, do Ween. O que podemos pensar disso? Bem, que o **Gianoukas Papoulas** é formado por cinco integrantes ecléticos e, definitivamente, à beira da loucura. Conclusão a que se chega depois de ouvir o primeiro álbum dos paulistanos (epônimo, lançado este ano em CD-R) e se deparar com composições folk-pop, melodias assobiáveis e letras sérias, com um toque psicodélico de vez em quando. Tudo muito bem construído por ótimos arranjos de guitarras, baixo marcante, teclado vintage, vocal cheio de lá, lá, lá e referências claras ao rock dos anos 60 e 80. Algo como um encontro entre os Beatles e o Ira!.

A história do Gianoukas começa em abril de 1994. O guitarrista Luiz Miranda e o baixista Alex Brazales (ex-Speedy Gonzales), já amigos há algum tempo, além da música, cultivavam uma paixão por carros antigos. Alex tinha acabado de comprar um Galaxie de 1967 preto, com interior vermelho, quando um colega de trabalho de Luiz, a fim de começar algum projeto musical com os dois, resolveu mostrar seus talentos como poeta e deu ao guitarrista uma música que havia escrito. O título era "Galaxie". Na mosca! Olavo Rocha foi imediatamente contratado como vocalista e sua letra ganhou um ritmo alucinante, perfeito para se ouvir no talo dentro do carrão, mandando bala numa estrada ensolarada. Foi a primeira composição do quinteto, que hoje conta com Cameron (bateria) e Umberto Serpieri (guitarra e teclado) e "nenhuma referência de Ween", garante o baixista. **Contato: (11) 9963-2243; site: www.gianoukaspapoulas.com.br**

Tocado por Jeff Buckley

O carioca Damm (*à dir.*) não esconde a influência do falecido cantor americano em seu trabalho

Damm é um carioca, de 24 anos, que mora em Salvador desde o fim dos anos 80 e gosta muito de Jeff Buckley. Aos 19 anos, foi para a Inglaterra estudar Direito Comercial e lá acabou encontrando seu estilo musical (além de um grande amor). O curso foi para o espaço e ele, para Paris, junto com sua nova paixão francesa. Com uma bagagem musical bem diferente da que tinha quando saiu de Salvador, Damm voltou para o Brasil em 1999 decidido a tocar um projeto-solo inspirado em Buckley e em compositores como Morrisey e Djavan. Conseguiu uma banda e transformou suas composições folk de voz-violão em canções bem trabalnadas, com arranjos complexos, melodias fortes e vocal inspirado, traduzindo tudo para sua língua nativa. "Voltei da Europa com outra mentalidade. Além de me apresentar bandas como Radiohead, a Inglaterra, terra do rock, me fez redescobrir a música de meu país", comenta Damm, referindo-se às suas experiências nos bares de Londres. "Eu queria tocar blues, mas todo mundo pedia música brasileira". Nada estimulante para quem, durante anos, teve de tocar até axé por dinheiro. O cantor, compositor e guitarrista só pensa agora em lançar seu primeiro álbum, já batizado de *Tanto Faz*. Para isso, espera contar com as Leis de Incentivo Fiscal do Governo do Estado da Bahia, ou de algum selo, gravadora que se interessar. **Contato: tel. (71) 9966-0100; site: www.damm.art.br**

A paixão por automóveis antigos e um disco do Ween uniu o quinteto

Fotos: Divulgação

Ecletismo **mutante**

A banda OAEOZ surgiu em Curitiba, na primavera de 1997, das cinzas de um projeto que teve vida bem curta – exatamente dois shows – intitulado Dusty. Igor Ribeiro (voz, guitarra, teclado e trompete) e Ivan Santos (guitarra e voz), dois dos integrantes, não mantiveram o luto por muito tempo e logo encontraram baterista e baixista para começar do zero. Depois de um ano compondo, ensaiando e misturando influências de rock, jazz, psicodelismo e música brasileira, o quarteto definiu o estilo livre e gélido de seu trabalho, com letras em português inspiradas na literatura beat, e gravou o primeiro EP, que levou o nome da banda. Hoje já são três, com *De Inverno* (1999) e *Dias* (2001). As influenciadas passam por bandas como Tindersticks e Morphine, a quem o quarteto reverencia com a cover de "You Look Like Rain" em seus shows. O nome do grupo também é uma homenagem ao ídolo Arnaldo Baptista e ao grupo que o consagrou, o Mutantes. OAEOZ é o título do último disco de carreira lançado por eles, em 1972, e o mais progressivo de todos. "Mesmo com tantas referências, procuramos não dispersar, criamos com unidade", ressalta Igor, que se orgulha dos elogios prestados pela crítica até agora. No ano passado, *De Inverno* ganhou medalha de prata no Prêmio Fun 2000, promovido pela *Gazeta do Povo*, de Curitiba, na categoria demo local, e foi classificado como um dos três melhores trabalhos do ano passado pela revista eletrônica *Senhor F.*

Contato: (41) 339-3743;
site: www.guiaparana.com.br/oaeoz

O grupo mistura rock, jazz e música [illegible], sem medo de ser feliz

Zines, selos, festivais e o escambau

UDIGRUDI

Foi anunciado em junho o fim de uma das mais tradicionais bandas do underground paulistano. O Pin Ups, após 12 anos de atividade e seis álbuns lançados, resolveu encerrar definitivamente suas atividades. Segundo o guitarrista e líder Zé Antônio (também único membro que permaneceu durante todos esses anos), a decisão foi tomada porque o vocalista Luis Gustavo, por motivos pessoais, não estava mais conseguindo acompanhar o ritmo de ensaios e shows do grupo. "E a banda novamente sem o Luis não teria sentido", declarou, já cheio de planos e prometendo que em breve anunciará um novo projeto ● Dias 9 e 10 de junho, Sorocaba, no interior de São Paulo, foi cenário do **Circadélica**, um grande evento que reuniu mais de 20 bandas respeitadas do underground nacional. Wry, Grenade, Thee Butchers' Orchestra, Walverdes e outros tocaram embaixo de uma enorme tenda para um público de cerca de 2 mil pessoas por dia ● **Famoso por sua programação de shows de fazer fila na porta, o London Burning Festival agora acontece quinzenalmente na cidade de São Paulo. Bidê Ou Balde, Astromato e Video Hits foram algumas das atrações que lotaram o Bar Orbital, na Rua Augusta, 2.894. Este mês devem passar por lá as bandas Leela (RJ), 28/8/2 (SP) e Los Djangos (RJ) no sábado, dia 14; e Astronauta Pingüim, Zumbi Do Mato (RJ) e Rogerio Skylab (RJ), dia 28. Site: www.londonburning.com.br** ● O **Nasentocas** é um guia virtual pernambucano sobre o underground. Lá você acha informações sobre bandas de todo o país, selos, zines, estúdios de gravação e muito mais sobre o cenário independente. E para conhecer melhor o que você vai encontrar na rede, o site lançou sua terceira coletânea com alguns grupos cadastrados. Tem Supersoniques (PE), Varnan (AL), Cascova Lula (RJ), entre outros. É só entrar em www.nasentocas.com para conhecer e encomendar seu disquinho ● **Falando em coletânea, um dos especialistas nessa arte, o selo 1, 2, 3 Indiezinhos, lançou uma em homenagem aos dias dos namorados. *Kisses & Misses* traz bandas independentes interpretando baladas românticas do universo pop, como "World Of Love" (Buddy Holly) e "Strangelove" (Depeche Mode). Confira o set list completo no site www.indiezinhos.cjb.net** ● O **MQN** entra em estúdio em agosto para gravar o primeiro álbum *Hellburst*. Além do repertório próprio, o disco terá "Thirteen Nights", música do Monkeywrench, banda paralela de Mark Arm (líder do Mudhoney). A composição foi cedida ao quarteto goiano pelo próprio autor, que esteve no Brasil este ano. "Ele ouviu nossa versão de 'Thirteen Nights' e gostou muito. Perguntou se a gente ia gravar e eu respondi: 'claro'. Mesmo sem ter pensado na possibilidade antes", conta o vocalista do MQN, Fabrício Nobre, empolgadíssimo.

Carpinteiros do pop

Tenho 23 anos e há alguns meses comprei por acaso um disco dos irmãos Carpenters. A paixão foi imediata. Desde então, comecei a procurar por seus álbuns. Gostaria de saber qual a discografia completa deles.

Ricardo Delmiro da Silva – Carapicuíba, SP

Os discos lançados nos Estados Unidos pelos irmãos Carpenters foram: *Offering/Ticket To Ride* (1969); *Close To You* (1970); *Carpenters* (1971); *A Song For You* (1972); *Now And Then* (1973); *The Singles 1969-1973* (1973); *Horizon* (1975); *Live In Japan* (1975); *A Kind of Hush* (1976); *Passage* (1977); *Live At The Palladium* (1977); *Christmas Portrait* (1978); *Made In America* (1981); *Voice Of The Heart* (1983); *An Old Fashioned Christmas* (1984); *Yesterday Once More* (1985); *Lovelines* (1989); *From The Top* (1991); *Interpretations: A 25th Anniversary* (1995); *Singles 1969-1981* (2000). Uma dica legal, Ricardo, é o CD *If I Were A Carpenter* (1994), um tributo à dupla, com artistas como Sonic Youth, Sheryl Crow, cranberries e Babes In Toyland homenageando a dupla Karen e Richard.

Nu-metal alemão

Um amigo me apresentou uma banda chamada Guano Apes, só que ele não soube me informar nada sobre ela. Achei o som muito legal. Gostaria de saber a origem do grupo, quem são os integrantes e a discografia.

Pedro Aurélio Costa – Parnaíba, PI

Os alemães do Guano Apes ainda são bem desconhecidos. O grupo é novo (começou em 1995) e conseguiu algum sucesso em países europeus como Holanda e Portugal graças à música "Open Your Eyes". O estilo do grupo já foi rotulado de metal alternativo, aquele do tipo Korn e Limp Bizkit. A diferença é que tem uma mulher no vocal, Sandra Nasic, uma alemã, de 24 anos, filha de croatas. Os outros integrantes são Henning Rümenapp (guitarra), Stefan Ude (baixo) e Dennis Poschwatta (bateria). Lançaram apenas dois discos até agora: *Proud Like A God* (1997) e *Don't Give Me Names* (2000). O primeiro foi lançado nos Estados Unidos em 1999.

Poesia da melhor qualidade

Por favor, publiquem a discografia do mestre Leonard Cohen.

Denilson Ferreira – Porto Alegre, RS

Songs Of Leonard Cohen (1968); *Songs From A Room* (1969); *Songs Of Love And Hate* (1971); *Live Songs* (1973); *New Skin For The Old Ceremony* (1974); *The Best Of Leonard Cohen* (1975); *Death Of A Ladies' Man* (1977); *Recent Songs* (1979); *Various Positions* (1984); *I'm Your Man* (1988); *The Future* (1992); *Cohen Live* (1994); *More Best Of* (1997); *Field Commander Cohen: Tour Of 1979* (2001). Suas composições melancólicas já venderam mais de 11 milhões de cópias no mundo todo e ganharam várias versões e tributos. *I'm Your Fan* (1991) é um deles e conta com a participação de Pixies, Ian McCulloch e R.E.M.

A pedido da leitora Daniel C. Branco – Curitiba, PR

FICHA Van Halen

Importância

Formado no meio da década de 70, o Van Halen redefiniu a maneira de se tocar guitarra e consolidou o hard rock como um dos estilos mais marcantes dos anos 80. Técnica, peso e melodias grudentas foram a fórmula do sucesso deles durante as últimas décadas, garantindo milhões de cópias vendidas a cada álbum lançado.

Biografia

A história da banda começou em 1974 sob o nome de Mammoth. David Lee Roth (vocal), Eddie Van Halen (guitarra), Michael Anthony (baixo) e Alex Van Halen (bateria) começaram a se apresentar dois anos depois no circuito underground da Califórnia, já com o nome que todos vieram a conhecer. Nascidos na Holanda – Eddie em 1955 e Alex em 1953 –, os irmãos Van Halen chegaram aos Estados Unidos em 1967 com a família. Seu pai, também músico, sustentava a casa tocando em bailes e casamentos, enquanto os garotos treinavam piano clássico. O gosto pelo rock'n'roll não demorou a aparecer e as teclas foram trocadas por cordas e baquetas pouco antes de conhecerem David, então vocalista do Rebal Jet, e Michael. O primeiro álbum (epônimo) veio um ano depois do quarteto ter assinado com a Warner e vendeu até hoje mais de 10 milhões de cópias. O contrato com a gravadora aconteceu graças a uma indicação de Gene Simmons do Kiss, que, após ter assistido a uma performance da banda num clube californiano, ficou impressionado e resolveu custear a produção de uma fita demo. O segundo álbum, *Van Halen II* de 1979, chegou ao sexto lugar da parada norte-americana e os três trabalhos seguintes, apesar de terem vendido menos, repetiram o êxito transformando o grupo num dos principais nomes do hard rock mundial. A fama trouxe-os ao Brasil em 1983. No ano seguinte, "Jump", do álbum *1984*, alcançou o topo das paradas nos Estados Unidos, mas, apesar do sucesso, o clima entre os integrantes começou a ficar tenso. Em 1985, Lee Roth lançou seu primeiro trabalho-solo, *Crazy From The Heat*, e acabou sendo demitido da banda por atrasar as gravações do sétimo álbum do Van Halen. Quem assumiu os vocais em *5150* foi Sammy Hagar. O disco foi um dos favoritos da América durante 64 semanas por causa dos hits "Why Can't This Be Love", "Dreams" e "Love Walks In". O trabalho seguinte veio tão grandioso quanto e, em 1991, o grupo ganhou o prêmio de melhor videoclipe da MTV com o "cabeça" "Right Here, Right Now", single do álbum *For Unlawful Carnal Knowledge*. Em 1996 uma possível volta de Roth à formação foi anunciada e recebida com entusiasmo pelos fãs e pela mídia. Mas a reunião se resumiu apenas à gravação de duas músicas novas para o *Best Of Volume I*. O Van Halen ficou sem um vocalista até o convite ter sido aceito por Gary Cherone, do Extreme, que gravou o último disco lançado pela banda, *Van Halen III*, em 1998. Segundo o site oficial da banda, os integrantes no momento estão trabalhando num novo álbum, enquanto Eddie declara estar quase vencendo a batalha contra um câncer na língua.

O grupo ainda nos tempos de David Lee Roth (*à dir.*)

Discografia

Van Halen (1978); *Van Halen II* (1979); *Women And Children First* (1980); *Fair Warning* (1981); *Diver Down* (1983); *1984* (1984); *5150* (1986); *OU812* (1988); *For Unlawful Carnal Knowledge* (1991); *Live: Right Here, Right Now* (1993); *Balance* (1995); *Best Of Volume I* (1996); *Van Halen III* (1998).

O septeto californiano Voodoo Glow Skulls, que faz um ska punk *caliente*

Fotos: Divulgação

Diferentes pesos e medidas

Vocês poderiam publicar a discografia das bandas Voodoo Glow Skulls e Fugazi? Esses caras são bons!

Sérgio Carvalho – São Bernardo, SP

A discografia da banda californiana de ska punk, Voodoo Glow Skulls, é a seguinte: *Who Is, This Is?* (1993); *Firme* (1995); *Baile De Los Locos* (1997); *The Band Geek Mafia* (1998); *Exitos Al Cabron* (1999); *The Potty Training Years* (2000); *Symbolic* (2000). Já o Fugazi lançou até agora os seguintes álbuns: *Repeater* (1989); *Steady Diet Of Nothing* (1991); *In On The Kill Taker* (1993); *Red Medicine* (1995); *End Hits* (1998); *Instrument Soundtrack* (1999).

Meninas duronas

Conheci Le Tigre através da BIZZ (edição de abril). Tenho 15 anos e estou começando a me interessar pelo movimento riot grrrl. Na matéria que saiu, vocês disseram que a vocalista Kathleen Hanna "emergiu na década de 90 com as garotas do Bikini Kill". Gostaria de saber mais sobre essa banda, quando elas começaram, como se chamam as integrantes e a discografia completa.

Karina Presa Vieira – Vitória, ES

O Bikini Kill foi formado em 1990, em Olympia, Washington, e acabou oito anos depois. Foi a principal banda do movimento riot grrrl, que juntava punk com idéias feministas. As integrantes eram: Kathi Wilcox (baixo), Billy Karren (guitarra), Tobi Vail (bateria) e Kathleen Hanna (vocal). Durante a década de 90, lançaram algumas demos e trabalhos independentes: *Revolution Girl Style Now!* (demo vendida em shows em 1991); *Bikini Kill* (EP 1992); *Yeah Yeah Yeah Yeah* (compacto dividido com a banda Haggy Bear – 1993); *The CD Version Of The First Two Records* (1994); *Pussy Whipped* (1994); *Reject All American* (1996); *The Singles* (1998).

Peido de "véia"

Gostaria de saber mais sobre o grupo Velhas Virgens. Por exemplo, quantos discos eles têm e onde posso encontrar músicas da banda na internet?

Denise Carolina Pereira – Itapira, SP

No próprio site http://velhasvirgens.zip.net), você pode encontrar tudo que quiser, inclusive várias músicas em MP3 para ouvir, datas de shows e links para sites de fãs. O Velhas Virgens já tem 15 anos na estrada e lançou quatro álbuns independentes: *Foi Bom Pra Você?* (1995); *Vocês Não Sabem Como É Bom Aqui Dentro* (1997); *Senhor Sucesso* (1999) e *Reveillon 2001* (2000).

A madrinha de PJ Harvey

Agradeceria muito se vocês publicassem a discografia da cantora Patti Smith. Ela veio ao Brasil alguma vez?

Wheeler Ruis – Ribeirão Preto, SP

Anote aí, Wheeler: *Horses* (1975); *Radio Ethiopia* (1976); *Easter* (1978); *Wave* (1979); *Dream Of Life* (1988); *The Patti Smith Masters* (caixa – 1996); *Gone Again* (1996); *Peace And Noise* (1997); *Gung Ho* (2000). Infelizmente, a cantora e compositora Patti Smith nunca se apresentou em solo brasileiro.

SÍMBOLO

Diretora-Presidente
Joana Woo

Vice-Presidente Executivo
Roberto Melo

Diretora de Circulação e Marketing: Regina Bucco
Diretor Financeiro: Pedro Prazão
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Huth
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelli
Diretora Administrativa: Fátima Faria

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentadas: Laís de Castro
Diretora de Arte de Divisão: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Abonico R. Smith, Bernardo Araujo, Camilo Rocha, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Pucci, Daniel Oliveira (Los Angeles), Fabiana Batistela, Fernando Rosa, Guilherme A. Hungria, Renato Yada, Ricardo Alexandre, Roberta Paixão **Fotografia:** Marcello Vitorino, Luiz Queiroz **Diagramação:** Claudia Lammoglia
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Flavia Levorin, Andréa Levorin (coordenadora)
Símbolo Press: Ana Carolina Oliviero

PUBLICIDADE
Gerente de Agências: Claudia Di Carmo • **Executivos de Negócios:** Cidinha Castro, Luciana Bergamasco, Marisa de Souza, Renato Mascarenhas e Sibele Resende • **Gerente de Diretos:** Luciana Valle • **Executivos de Negócios:** Andrea Branco, Rosangela Fernandes, Nadia Bronze, Cristiana Gallotti e Fernando Piccinin. • **Gerente de Representantes:** André Barreiros • **Representantes** • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS qd. 701, bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (61) 322-2034, fax. (61) 314-1541 – Ulysses Cava • **Interior de SP:** F&C Representações, R. Felisberto Brolezze, 226, Campinas, SP, CEP 13084-790, tel./fax (19) 3289-1661 – Luciene Dias • **Minas Gerais:** Magalhães Enock Ltda., Av. do Contorno, 8.000, s. 605, Bairro de Lourdes, Belo Horizonte, MG, CEP 30110-120, tel. (31) 3291-4929, Cibele Magalhães • **Paraná:** Yahn Repres. Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 808, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (41) 232 3466, fax (41) 232-0737 – Célia Yahn • **Rio de Janeiro:** Marca 21 Comunicações, R. Voluntários da Pátria, 45, cj. 401/402, RJ, CEP 22270-000, tel. (21) 579-2230, fax (21) 579-2240 – Carla Torres e Marta Pimentel **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6º and., s. 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tel./fax (51) 233-1513, Andréa Isoppo; Integrada Atendimento e Mídia, R. Tupinambá, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (51) 582-4120, fax (51) 594-4089 Claudia Kruse • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, cj 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel/fax (48) 222-4355 - Adriano Kalil

Gerente de Internet: André Luiz Rodrigues (Dogon)
Gerente de Produção Gráfica: Eduardo Keppler

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane, Gráfica e Editora Vinhedo
Papel: Inpacel

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (11) 284-2255, fax (11) 287-4979 Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque) solicite através de seu jornaleiro **SHOWBIZZ** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVZ

ASSINATURAS – Podem ser efetuadas pelo telefone (11) 251-1255 (Grande São Paulo) 0800-163822 (outras localidades), ou pelo site: www.assinesimbolo.com.br/bizz
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para renovar ou tirar dúvidas: (11) 284-2777. Fax: (11) 251-5455 – e-mail: assinat@simbolo.com.br

Abril

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa

PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo

VICE-PRESIDENTES: Carlos R. Berlinck, Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

Agüenta firme, BIZZ!

Grande foi minha empolgação ao ler o editorial da edição de maio. Foram as palavras mais íntegras que já ouvi de um crítico. Enquanto existirem pessoas com capacidade de falar palavras tão empolgantes e verdadeiras, que traduzam tudo o que eu e muitos estão pensando, a revista não acaba. Depois desse bendito editorial, dormirei tranqüilo, sabendo que quem escreve as críticas são pessoas que também conseguem me emocionar e que me dão as mesmas alegrias e esperanças que o "álbum novo da minha banda favorita". Vida longa à BIZZ!!!

Ademir das Virgens Júnior – Porciúncula, RJ

Continuem a ser "românticos" e a fazer uma revista que pensa na música e não abre as pernas para a indústria. Sabemos que todo mês encontraremos o que procuramos e eu garanto que, se depender de nós, leitores, a BIZZ durará pelo menos uns mil anos.

Rodrigo Appinhanesi Turrer – São Paulo, SP

No último mês de maio, completei dez anos de assinatura. Era o meu sonho: assinar a revista. E o realizei com o primeiro salário do meu primeiro emprego. Nunca me esquecerei disso. A BIZZ passou por tanta coisa... Eu passei por tanta coisa. Naquela época, eu era apenas uma estudante cheia de sonhos e aquele emprego caiu do céu. Não tive dúvidas e assinei! Vocês não têm idéia do quanto fiquei feliz. Espero que a revista nunca acabe e que outras décadas venham, porque ela faz parte da minha vida. São dez anos de assinatura e 15 de leitura! É chão. É uma vida.

Lúcia Helena de Araújo – São Paulo, SP

Pau na edição "magrinha"

Cheguei na banca para comprar a revista e lasquei para o jornaleiro: "É isso aqui a revista BIZZ de junho?". O cara respondeu: "É o que veio. Mas, olha, tem um CD!". Tomado de espanto, comprei a sagrada mensal, apesar das 20 páginas a menos. Emerson e gurizada, vamos à cata do que vale a pena! Fofoca pode até ser engraçado, mas não acrescenta nada musicalmente. Eu quero mais é saber de som e lançamentos legais. Então, meus camaradas, mexam-se.

Carlos Fernando Leser – São Paulo, SP

Sou assinante da revista e tenho todas as edições desde a número 1. Ao receber a edição 191, fiquei muito decepcionado ao perceber que a revista trocou 16 páginas de conteúdo por um CD antigo que já havia sido dado aos leitores como brinde em outra edição. Espero que a revista não se utilize mais desse procedimento e volte a ter 82 páginas como vinha ocorrendo em edições anteriores.

Ricardo Couto e Silva – Natal, RN

No fã-clube certo

Gostaria de dizer que amei a matéria do Teenage Fanclub. Tudo o que eu queria era poder ter assistido àqueles shows. Meu segundo agradecimento é por vocês terem me apresentado a esse grupo tão querido. Se hoje ele é o meu preferido, foi graças a vocês.

Mariana R. de Almeida – Porto Alegre, RS

Ninja esquecido

Cá estava eu a ler a edição de junho e me salta aos olhos a matéria dos manos da Comunidade Nin-jitsu. Duas páginas, tratamento de primeira... Só não entendi direito uma coisa: na crítica do disco, está escrito: "Fredi Endres confessa que trocou seu personagem Mano Sonho por solos de guitarra". Tá certo que eu era estranho, mas sempre me considerei bem real, e não um personagem. Em 1995, fiz parte da Comunidade (são minhas as letras de "Merda De Bar" e "Quero Te levar", bem como a idéia de surrupiar "Sunshine Of Your Love"). Em suma, eu era o "roqueiro que entrou no baile e achou que era confusão...". Depois de cinco anos na geladeira, estou voltando à ativa com um grupo chamado Gramophones, que tem recebido elogios de pessoas legais aqui do Rio Grande do Sul.

Flavio Richter – Porto Alegre, RS

Correções:

• A resenha dos álbuns de Cássia Eller, Zélia Duncan e Ana Carolina (Discofagia da edição 191, página 53) é de autoria do jornalista Luís Antônio Giron. Na mesma seção, na resenha do disco novo do Radiohead (página 49), o autor escreveu "You And Whose Army?" quando queria dizer "I Might Be Wrong".

• Um integrante do Nenhum De Nós ligou aqui para reclamar da transcrição do trecho de "Astronauta De Mármore" na matéria das 40 cagadas do rock nacional. Ele disse que é "sempre estar lá e ver ele voltar" e não "ver ele e voltar", como saiu. De um jeito ou de outro, o erro de português (já apontado no programa de TV do professor Pasquale Cipro Neto) persiste.

Vencedores da promoção Eric Clapton

Alexandre C. Martins Veiga (Sumaré, SP)
Christie B. Silva (Uberaba, MG)
Fátima N. Francisco (João Pessoa, PB)
Rodrigo Carneiro (Nova Friburgo, RJ)
Ulisses Tozoni Vieira (Rio de Janeiro, RJ)

Vencedores da promoção Pavilhão 9

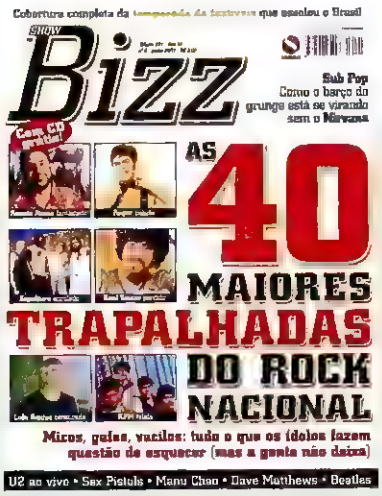
Marcelo Machado Vigorito (Campinas, SP)
Olivia Maria Pereira (São Paulo, SP)

As palavras que nos comoveram

PAPO FIRME

Como assinante de longa data, percebo saudáveis ares na BIZZ. Vocês encontraram um ponto de equilíbrio legal após os extremos da última década. No começo dos 90, BIZZ se rebelava contra seu próprio passado oitentista. Em meados da década, veio a fase SHOWBIZZ. Eflúvios "politicamente corretos", ufanismo gratuito. Os palavrões foram cortados, lembrando os tempos da cens***. Agora, a revista adentra o novo milênio madura (sabe que faz parte do esquemão mercadológico), mas com a necessária dose de cinismo (aquela rebeldia boba e legal de quem tenta usar as armas do inimigo para fazer contra-propaganda). Tudo isso fica ainda mais claro nos últimos editoriais do Gasperin, que chegam a emocionar quem acompanha há algum tempo essa grande palhaçada que é o mundo pop. Contem com meu apoio na árdua tarefa de conciliar diversão e arte com a obrigação de descolar o leitinho das crianças. Se a revista for para o saco, fica o orgulho de morrer dignamente.

Alexandre Dittrich – Blumenau, SC



Você faz careta para tanta coisa, por que não para as drogas.

Para participar dessa campanha você só precisa exercitar os músculos do rosto. E a sua cidadania. Você faz aquela careta para as drogas e compra uma camiseta. Assim você ajuda a construir 25 Centros de Recuperação de Dependentes Químicos, como o que foi inaugurado em outubro de 2000, em Santana do Parnaíba, região de Alphaville. Colabore. Seja careta. Drogas bah! e ajude a mudar a cara deste país.

abbud

FUNDAÇÃO RENASCER

Assuma que você também é careta e dê um **bah!** para as drogas. *Para saber como colaborar, ligue: (11) 7295.4481*

A competição que "matou" Brian Wilson

Disputando com os Beatles para ver quem fazia o álbum mais genial dos anos 60, o líder dos Beach Boys saiu do trilho e abortou o que seria o *Sgt. Peppers* do quinteto

"Poderíamos fazer algo tão bom assim?", perguntou um surpreso Paul McCartney, depois de ouvir o álbum *Pet Sounds*, dos americanos Beach Boys. "Não. Podemos fazer melhor", respondeu o sábio George Martin, arranjador e parceiro das ousadias sonoras praticadas pelo grupo. E fizeram: em 1967, o álbum *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band* explodia no mundo, detonando a mais profunda revolução musical da história.

Apenas como exemplo da influência de *Sgt Peppers*, basta lembrar que "Domingo No Parque", de Gilberto Gil, arranjada por Rogério Duprat e com participação dos Mutantes, espécie de marco zero da Tropicália, é filha direta da primeira audição do álbum.

Mas a verdadeira "guerra transatlântica", como definia George Martin, havia começado um ano antes, quando Brian Wilson, o gênio-líder dos Beach Boys, ouviu, em dezembro de 1965, o álbum *Rubber Soul*, dos Beatles. "Foi um desafio definitivo para mim", escreveu ele, anos depois, no encarte da reedição em CD de *Pet Sounds*. "Cada faixa era artisticamente muito interessante e estimulante", comentou. Superada a surpresa inicial, o líder dos Beach Boys começou a trabalhar em *Pet Sounds*, que radicalizou na utilização de refinadas harmonias vocais e arranjos orquestrais.

Tão logo *Pet Sounds* chegou às lojas, foi a vez de Paul McCartney delirar com as invenções sonoras de Brian Wilson. Segundo ele mesmo conta, ouviu tanto o disco – por centenas de vezes, por dias e horas a fio – que *Pet Sounds* tornou-se onipresente em sua vida naquele momento. "Toquei tanto o disco para o John (Lennon) que foi difícil ele escapar da influência", entrega Paul, que define o clássico dos Beach Boys como "o disco daquela época."

"Fiquei impressionado com a lucidez de *Pet Sounds* e com os arranjos intrigantes", disse o parceiro de John Lennon, no início dos anos 90. Para McCartney, parecia que os Beatles não conseguiriam superar aquela obra, o que o levou a questionar George Martin sobre a desvantagem momentânea naquela saudável competição. Talvez o fã mais famoso do álbum, McCartney apaixonou-se imediatamente por "God Only Knows" e, principalmente, por "You Still Believe In Me", a canção de terceiros que ele mais gostaria de ter escrito na vida.

Quando *Sgt Peppers* ganhou as ruas, foi a vez de Brian Wilson novamente se surpreender com a concorrência, mas agora já não de forma tão positiva como da primeira vez. Conta a lenda que, diante do poder do novo álbum dos Beatles, Wilson entrou em depressão, abandonando as gravações de *Smile*, que poderia ter sido o *Sgt Peppers* dos Beach Boys. Atropelado em sua viagem na busca do maior álbum dos anos 60, restou ao Beach Boys lançar a pequena "sinfonia de bolso", como definia Brian Wilson: o single de "Good Vibrations", extraído das sessões de *Pet Sounds*, e o álbum *Smiley Smile* (1967), sem o mesmo apelo conceitual da obra de John Lennon e Paul McCartney.

Interrompido, *Smile* transformou-se no mais famoso "álbum inacabado" da história do rock mundial. Ao longo dos anos, o disco ganhou várias edições piratas, trazendo suas demos e ensaios que, de fato, apontavam para um resultado final fantástico. Entre elas está a primeira edição de vinil, lançada nos anos 80, e uma caixa com quatro CDs editada em 1999 pelo selo Vigotone. Nos anos 90, a coletânea oficial *Good Vibrations*, que saiu pela gravadora Capitol, incluiu as músicas da sessão em um de seus quatro volumes oficiais, além do CD-bônus.

Isso tudo, que um dia foi lenda, hoje faz parte da história oficial do rock'n'roll, retratando o momento mais criativo e definidor de rumos daquela década de ouro, em que antecedeu a explosão psicodélica do "verão do amor", em 1967. Uma história que, apesar de contada tantas vezes, ainda esconde um detalhe que talvez explique porque Brian Wilson, que se antecipou a Lennon e McCartney, com *Pet Sounds*, acabou perdendo a corrida pelo "number one" da discografia roqueira mundial.

No estúdio, "sonhando que tinha uma auréola sobre sua cabeça, como se anjos estivessem presentes", conforme ele mesmo disse, Brian Wilson não prestou atenção em todos os movimentos dos adversários e na revolução musical e comportamental que alargava seus horizontes. O vacilo, se podemos assim chamar, foi não perceber que logo após *Rubber Soul* e antes de *Sgt Peppers*, os Beatles produziram *Revolver*, o verdadeiro divisor de águas naquele momento. Enquanto o beach boy continuava sua viagem em busca do "som dos anjos", os Beatles já sabiam que o "amanhã desconhecido" era mais ácido, elétrico, concreto (no sentido de John Cage), colorido e universal.

Fernando Rosa

Brian Wilson não deu bola para *Revolver* e ficou para trás

Fotos: Divulgação

18ª FEIRA INTERNACIONAL DA MÚSICA

Instrumentos Musicais, Áudio, Iluminação e Afins

Quem perder, vai dançar . . .

expomusic 2001

15 - 19 AGOSTO

13 às 21 h

Expo Center Norte

São Paulo • Brasil

Mais de 150 expositores nacionais e internacionais estarão apresentando seus produtos e lançamentos para o mercado musical.

Promoção

Francal Feiras Empreendimentos

Tel (11) 4191 8188
Fax (11) 4191 0200
www.francal.com.br
feiras@francal.com.br

Patrocínio

ABEMUSICA
Associação Brasileira da Música
INDÚSTRIA - COMÉRCIO - ENSINO
Tel./Fax: (11) 3812-6852

Estrutural
UBRAFE
SINDIPROM
VARIG
ACCOR

NOVO

AXE FUSION

O BEM E O MAL CONVIVEM DENTRO DE VOCÊ.

WWW.REPORTERAXE.COM.BR